

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Weslen Santos de Lima

A relação entre a Umbanda de Almas e Angola e as pessoas LGBTQ+ em Florianópolis

Florianópolis

2023

Weslen Santos de Lima

A relação entre a Umbanda de Almas e Angola e as pessoas LGBTQ+ em Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Orientador: Alex Degan

Florianópolis

2023

de Lima, Weslen Santos

A relação entre a Umbanda de Almas e Angola e as pessoas
LGBT+ em Florianópolis / Weslen Santos de Lima ;
orientador, Alex Degan, 2023.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Religiões de Matriz Africana. 3.
Identidade de Gênero. 4. LGBT. 5. Umbanda. I. Degan, Alex
. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

**Atesto que o acadêmico(a)___Weslen Santos de
Lima_____matricula
n.º _____18250055_____, entregou a versão final de seu TCC
cujo título é __ A relação entre a Umbanda de Almas e Angola e as pessoas
LGBT+em Florianópolis**

com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, _15__ de ___Dezembro _____ de 2023.



Documento assinado digitalmente

Alex Degan

Data: 15/12/2023 14:59:49-0300

CPF: ***404.488-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos oito dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas na sala de reuniões do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Alex Degan, Orientador e Presidente, pelo Professor Chrystian Wilson Pereira, Titular da Banca, e pela Professora Joana Maria Pedro, Suplente, designados pela Portaria nº 50/2023/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Weslen Santos de Lima**, subordinado ao título: "**A relação entre a Umbanda de Almas e Angola e a população LGBTQIA+ em Florianópolis**". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Alex Degan a nota final 9,00, do Professor Chrystian Wilson Pereira a nota final 9,00 e da Professora Joana Maria Pedro a nota final; sendo aprovado com a nota final 9,00. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia quinze de dezembro de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 8 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Alex Degan 

Prof. Chrystian Wilson Pereira 

Prof.a Joana Maria Pedro

Candidato Weslen Santos de Lima 

Dedico este trabalho a duas pessoas que hoje não fazem mais parte da vida carnal, mas estão presentes nas minhas memórias e no meu coração, meu avô Dalcy Pereira e minha avó Analiz Silva dos Santos, que onde quer que estejam estão sempre comigo em pensamento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao meu pai e à minha mãe que sempre me incentivaram a estudar e me mostraram que só através da educação poderia ser alguém numa sociedade que dá poucas oportunidades.

Agradeço ao meu orientador, que muito fez por mim nessa trajetória.

E agradeço ao Pai L. e ao Pai B., que muito contribuíram neste trabalho com suas entrevistas.

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre as religiões de matriz africana, com foco na Umbanda, e os corpos e gêneros dissidentes representados pela sigla LGBTQ+. O estudo abrange a história da Umbanda no Brasil, desde suas raízes nas religiões de matriz africana até sua codificação por Pai Luiz D'Angelo na vertente de Almas e Angola. A pesquisa revisita a literatura sobre religiões afro-brasileiras, destacando conceitos-chave como inclusão, flexibilidade e resistência. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, utilizando a história oral para capturar as narrativas de dois pais de santo em Florianópolis. As entrevistas revelam a percepção desses líderes religiosos sobre a relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+, enfatizando o acolhimento como princípio fundamental. A análise das entrevistas destaca a resistência ativa da Umbanda às normas tradicionais de gênero e sua histórica oposição ao racismo, ao sexismo e ao colonialismo. Os resultados evidenciam que a Umbanda não apenas proporciona um ambiente de inclusão, mas também se configura como um espaço de resistência contra a opressão social. A flexibilidade nas normas de gênero e sexualidade, aliada à valorização da diversidade, fortalece sua sensibilidade às lutas por igualdade e liberdade. As histórias compartilhadas pelos entrevistados demonstram a importância da Umbanda na vida da população LGBTQ+, oferecendo um sentido de pertencimento e uma comunidade de apoio. No entanto, observamos nuances e lacunas nas narrativas, indicando que a relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+ pode variar conforme tradições individuais e locais. As entrevistas, apesar de consistentes, revelam algumas lacunas históricas e desafios internos não totalmente explorados. De todo modo, conclui-se que o estudo contribui para uma compreensão mais profunda das interações entre religião, identidade de gênero e sexualidade na realidade brasileira.

Palavras-chave: Umbanda; religiões de matriz africana; LGBTQ+; resistência; inclusão.

ABSTRACT

This work investigates the relationship between African-derived religions, with a focus on Umbanda, and dissident bodies and genders represented by the acronym LGBT+. The study encompasses the history of Umbanda in Brazil, from its roots in African-derived religions to its codification by Pai Luiz D'Angelo in the Almas e Angola strand. The research revisits literature on Afro-Brazilian religions, highlighting key concepts such as inclusion, flexibility, and resistance. The adopted methodological approach is qualitative, utilizing oral history to capture the narratives of two spiritual leaders in Florianópolis. The interviews reveal the perception of these religious leaders regarding the relationship between Umbanda and the LGBT+ community, emphasizing acceptance as a fundamental principle. The analysis of the interviews underscores Umbanda's active resistance to traditional gender norms and its historical opposition to racism, sexism, and colonialism. The results demonstrate that Umbanda not only provides an inclusive environment but also functions as a space of resistance against social oppression. Flexibility in gender and sexuality norms, coupled with a valuing of diversity, enhances its responsiveness to struggles for equality and freedom. The stories shared by the interviewees illustrate the significance of Umbanda in the lives of the LGBT+ population, offering a sense of belonging and a supportive community. Nevertheless, nuances and gaps in the narratives are observed, indicating that the relationship between Umbanda and the LGBT+ community may vary based on individual and local traditions. The interviews, while consistent, reveal some historical gaps and internal challenges not fully explored. In conclusion, the study contributes to a deeper understanding of the interactions between religion, gender identity, and sexuality in the Brazilian context.

Keywords: Umbanda; African-derived religions; LGBT+; resistance; inclusion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA UMBANDA NO BRASIL E EM SANTA CATARINA	14
2.1 ORIGENS DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL.....	14
2.2 A EMERGÊNCIA DA UMBANDA E SUAS RAMIFICAÇÕES	17
2.3 PAI LUIZ D'ANGELO E A CODIFICAÇÃO DA UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA	18
2.4 CONTROVÉRSIAS SOBRE A ORIGEM DOS RITOS AFRICANISTAS NA UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA.....	19
2.5 A EXPANSÃO DA UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA EM SANTA CATARINA.	20
3. A RELAÇÃO ENTRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E OS CORPOS E GÊNEROS DISSIDENTES	25
3.1 REVISÃO DA LITERATURA: AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	25
3.3 INCLUSÃO, FLEXIBILIDADE, AGÊNCIA, RESISTÊNCIA, SENSIBILIDADE, DIVERSIDADE, IGUALDADE E LIBERDADE	31
4. A UMBANDA E O ACOLHIMENTO DAS PESSOAS LGBT+: O RELATO DE DOIS PAIS DE SANTO EM FLORIANÓPOLIS.....	35
4.1 HISTÓRIA ORAL: UMA ABORDAGEM FUNDAMENTADA NA ESCUTA E NA MEMÓRIA.....	35
4.2 A RELAÇÃO ENTRE A UMBANDA E AS PESSOAS LGBT+ DO PONTO DE VISTA DE DOIS PAIS DE SANTO DE FLORIANÓPOLIS	37
4.2.1 Entrevista 1	39
4.2.2 Entrevista 2	45
4.2.3 Análise das entrevistas	52
5. CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	59

1. INTRODUÇÃO

A história do Brasil é entrelaçada pelas complexas trajetórias das culturas africanas trazidas para o país durante a escravidão, que abrangeu aproximadamente 300 anos, entre os séculos XVI e XIX. Nesse período, milhões de indivíduos africanos de diferentes etnias foram sequestrados e transportados à força para serem escravizados por brancos colonialistas em suas plantações de cana-de-açúcar, café, mineração e outras atividades. O tráfico transatlântico de pessoas negras foi uma das partes mais sombrias e desumanas da história da humanidade, causando impactos profundos e duradouros na sociedade brasileira.

Esse intercâmbio cultural forçado não apenas moldou o Brasil, como também introduziu diferentes crenças e práticas religiosas, que foram mantidas e transmitidas ao longo das gerações mesmo diante da repressão.

Entre essas religiões de matriz africana, destaca-se a Umbanda, que se desenvolveu como uma religião inclusiva, flexível e permeável a diversas influências culturais, pois surgiu como uma síntese única das tradições africanas, indígenas e europeias em solo brasileiro.

No decorrer desta pesquisa, exploraremos não apenas a história da Umbanda, mas também seu papel na aceitação e inclusão de pessoas LGBTQIAPN+¹. O caminho que percorreremos nos levará desde as origens das religiões de matriz africana no Brasil até a expansão da Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina. Essa narrativa histórica é essencial para contextualizar a relação – central neste estudo – entre a Umbanda e os corpos e gêneros dissidentes – do sistema hétero, patriarcal, racista e colonial – representados pela sigla anterior.

A emergência da Umbanda e suas ramificações serão examinadas com ênfase na codificação da Umbanda de Almas e Angola por Pai Luiz D'Angelo. Ao abordar as controvérsias sobre a origem dos ritos africanistas nessa vertente umbandista, buscaremos compreender as bases que moldaram a religião que acolhe indivíduos com diferentes expressões de gênero e sexualidade, no âmbito espiritual e não espiritual.

¹ Sigla para Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli e Não-binárias, conforme a definição e a descrição encontradas em: *Orientando. Um espaço de aprendizagem. O que significa LGBTQIAPN+?* Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>. Acesso em 13 de nov. de 2023. No decorrer do trabalho, entendemos que a questão da listagem de letras representativas das identidades será sempre algo incompleto, por isso, e na falta de uma palavra que seja consenso em sua representatividade, utilizaremos apenas a sigla reduzida LGBTQ+ para nos referirmos a todos os gêneros e sexualidades dissidentes do sistema hétero e patriarcal, englobados pela sigla maior, bem como outros gêneros ou comportamentos dissidentes que venham a surgir ao longo do tempo. Sabemos que as identidades não são fixas e que a cada dia se apresentam de maneira diversa, por isso não pretendemos nos alongar nesse tema.

A relação entre as religiões de matriz africana e as pessoas LGBTQ+ será abordada a partir de uma revisão de literatura. Exploraremos conceitos-chave como inclusão, flexibilidade, agência, resistência, sensibilidade, diversidade, igualdade e liberdade, que servirão como lentes analíticas para compreender as complexidades dessas interações.

Ao adentrar o universo contemporâneo da Umbanda em Florianópolis, apresentaremos as entrevistas de dois pais de santo que compartilham suas experiências e reflexões sobre a relação da Umbanda com a população LGBTQ+. O método qualitativo da História Oral nos permitirá acessar narrativas autênticas, proporcionando juízos importantes sobre o acolhimento oferecido por essa religião e sua importância na construção de identidades.

O principal ponto dessa abordagem qualitativa é a ênfase nas vozes das pessoas comuns, nas experiências individuais e na subjetividade como fonte de pesquisa. Além disso, o encontro entre pesquisador e entrevistados confere à pesquisa um caráter mais humano e enriquecedor.

As narrativas aqui produzidas facilitam nosso entendimento da relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+. Ao ouvir os depoimentos de participantes da religião, temos um retrato mais completo das experiências vivenciadas no cruzamento entre religião e identidade de gênero e sexualidade.

À medida que exploramos essas conexões, reconhecemos a Umbanda não apenas como um espaço acolhedor, mas também como um território de resistência contra normas tradicionais de gênero e a opressão social em geral.

Assim, vamos compreender a razão da receptividade positiva das religiões de matriz africana, em especial da Umbanda, em relação às pessoas que muitas vezes são marginalizadas pela sociedade. Surge a indagação: no caso das pessoas LGBTQ+, seria essa aproximação uma resposta ao preconceito histórico compartilhado pelas religiões de matriz africana e os corpos e gêneros dissidentes, todos alvos de discriminação na sociedade colonial?

Apesar da evolução da aceitação de novas religiões no país, as religiões de matriz africana continuam enfrentando preconceitos, muitas vezes sendo associadas a estigmas infundados. Nesse sentido, o trabalho também procura desmistificar essas ideias.

Ao entrevistar dois pais de Santo que se identificam como homens gays e que são líderes religiosos com experiência em terreiros de Umbanda da linha de Almas e Angola em Florianópolis, a pesquisa será aprofundada pelas respostas e perspectivas desses protagonistas.

A escolha de focar nos terreiros de Umbanda da linha de Almas e Angola se dá não apenas por ser o cenário em que o pesquisador está inserido, mas também pela notável receptividade desses espaços às minorias.

Além de explorar essa interação, a pesquisa busca preencher lacunas existentes na literatura acadêmica. Reconhecendo, assim, a falta de estudos aprofundados sobre esse tema, este trabalho justifica-se pela necessidade de maior compreensão das interações entre religião, identidade de gênero e sexualidade na realidade brasileira.

2. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA UMBANDA NO BRASIL E EM SANTA CATARINA

Neste primeiro capítulo, abordaremos as origens e o desenvolvimento das religiões de matriz africana no Brasil, focando na Umbanda e suas ramificações. Vamos entender a contribuição fundamental de Pai Luiz D'Angelo na codificação da Umbanda em sua vertente de Almas e Angola e as controvérsias sobre a origem dos ritos africanistas nessa tradição. Por fim, analisaremos a expansão da Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina.

2.1 ORIGENS DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

As origens das religiões de matriz africana no Brasil remontam ao período da escravidão, em que milhões de africanos foram arrancados de suas terras natais e trazidos à força para a América, onde foram submetidos a condições desumanas e trabalho forçado nas plantações e nas cidades coloniais. Esse contexto brutal forçou os africanos a se adaptarem às novas realidades, o que incluiu a preservação e adaptação de suas práticas religiosas tradicionais em um ambiente hostil.

Diga-se que, historicamente, a Umbanda surge, no começo do século XX, em meio ao aumento significativo do contingente populacional urbano de escravizado(a)s, precisamente durante o processo de industrialização e ocupação dos espaços periféricos das grandes cidades do sudeste brasileiro (Pereira; Cavalcante, 2017, p. 8).

As religiões africanas tradicionais eram diversas e variavam de acordo com a etnia, região e cultura de origem. Entre as práticas religiosas trazidas para o Brasil estavam o Candomblé, a Umbanda, o Batuque, o Xangô, o Tambor de Mina e muitas outras. Cada uma dessas tradições tinha suas próprias divindades, rituais e crenças, mas todas compartilhavam uma conexão profunda com a natureza, os ancestrais e os espíritos.

Os saberes, cosmovisões e práticas rituais trazidos pelos africanos ao Brasil foram muito diversos e experimentaram contínuas transformações até se organizarem nas religiões "afro-brasileiras" ou "de matriz africana" que hoje conhecemos. As variantes regionais do tambor de mina do Maranhão, o xangô

de Pernambuco, o candomblé da Bahia, a macumba do Rio de Janeiro, ou o batuque do Rio Grande do Sul, para citar apenas algumas das denominações mais conhecidas, se configuraram historicamente através de processos de interação cultural africana bastante complexos, e de modo relacional, com o catolicismo ibérico, as culturas ameríndias e o espiritismo kardecista. Embora essas religiões se apresentem como "tradicionais" e enraizadas num passado africano remoto, elas são relativamente modernas, boa parte tendo adquirido sua forma padronizada atual só a partir da segunda metade do século XIX (Parés, 2018, p. 395).

Há uma distinção para o reconhecimento dos que vieram da África Ocidental (povos jejes e nagôs), e os que vieram da África Central (povos Kongo-Angola). Os primeiros seguiam mais à risca os rituais africanos, enquanto os segundos eram mais permeáveis.

Os estudos afro-brasileiros enfatizam uma distinção entre as religiosidades marcadas pelas tradições da África Ocidental, dos povos jejes e nagôs (falantes de línguas gbe e yorubá, respectivamente), e aquelas marcadas pelas tradições da África Central, dos povos kongoangola (falantes de línguas bantu). As primeiras são valorizadas por sua suposta pureza ritual e fidelidade africana, e incluíam o tambor de mina, o xangô e o candomblé, no Nordeste do Brasil. Nelas, o tambor, o uso litúrgico de línguas africanas, técnicas de adivinhação como o jogo de búzios, processos de iniciação e sacrifícios animais seriam fundamentais. As segundas, mais permeáveis e tendentes à mistura, estariam na base do candomblé de caboclo, a cabula (hoje extinta), a macumba, a quimbanda e, em última instância, a umbanda, a religião nacional nascida no Sul do país. Nestas, a iniciação e o sacrifício animal são menos frequentes, a língua portuguesa é quase exclusiva, e as consultas aos caboclos, mestres e encantados substituiriam as adivinhações. Ainda que a distinção dessas religiões em termos de matrizes africanas seja problemática, cabe pensar num campo religioso tensionado por formas mais africanizadas e outras mais abrasileiradas, que se definem mutuamente pelo contraste que apresentam. O conjunto dessas práticas, além de uma dimensão de celebração e de uma orientação para a cura, incluem o fenômeno da possessão ou da mediunidade, por meio da qual as entidades se manifestam no corpo dos adeptos. Tal denominador comum facilita o trânsito de pessoas e de elementos rituais entre as distintas religiosidades e torna inútil a tarefa de traçar fronteiras nítidas entre elas (Parés, 2018, p. 396).

No contexto da escravidão, os africanos e seus descendentes enfrentaram a repressão de suas práticas religiosas por parte dos senhores de escravos e autoridades coloniais, que frequentemente viam essas religiões como ameaçadoras ou práticas demoníacas. Isso levou os praticantes a adotarem estratégias de sobrevivência, muitas vezes incorporando elementos da religião dominante, o catolicismo, em suas próprias crenças e práticas. Essa síntese de tradições religiosas africanas e católicas é conhecida como sincretismo religioso e é uma característica fundamental das religiões de matriz africana no Brasil.

Desde o período colonial, as religiosidades de matriz africana ocuparam uma posição de subalternidade em face da hegemonia do catolicismo. Para a ortodoxia da Igreja, as práticas rituais afrodescendentes eram superstição, feitiçaria, idolatria, magia, nunca religião. A perseguição e a discriminação obrigaram os africanos a desenvolver táticas de ocultação que vinham reforçar o secretismo próprio das religiões iniciáticas. O sincretismo, ou correspondência entre santos católicos e santos africanos, podia ser uma estratégia de ocultação, ou talvez uma forma de se apropriar, por imitação, do universo espiritual do senhor para, assim, melhor controlá-lo. Não cabe, contudo, desconsiderar a possibilidade de conversão sincera ou de a ocultação responder a uma dinâmica de justaposição acumulativa de recursos espirituais (Parés, 2018, p. 401/402).

O sincretismo religioso permitiu que os praticantes africanos continuassem suas práticas de maneira disfarçada, muitas vezes associando suas divindades aos santos católicos. Isso criou uma aparência superficial de conformidade com a fé católica enquanto, na realidade, preservava e transmitia suas tradições religiosas originais. Um exemplo notável desse sincretismo é a associação de Ogum, o orixá da guerra e do ferro, a São Jorge, o santo católico padroeiro dos soldados.

A demonização por parte da Igreja foi seguida da criminalização pelos códigos penais, da patologização pelos médicos e da denúncia pelos jornalistas. No entanto, a política da repressão se alternou historicamente com uma certa tolerância seletiva. Na maioria das regiões, acabou por emergir um combinado entre práticas aceitáveis e legitimadas como religião e outras proscritas como perigosas e sincréticas, amiúde associadas à feitiçaria (Parés, 2018, p. 401).

À medida que o Brasil progredia para a era pós-abolição, essas religiões continuaram a evoluir e a se adaptar às mudanças sociais e culturais. A Umbanda, em particular, surgiu como uma das mais notáveis manifestações desse sincretismo religioso, incorporando elementos do espiritismo, do catolicismo e das tradições africanas em uma nova síntese.

Nesse contexto histórico, as sementes da Umbanda de Almas e Angola foram plantadas. Embora as origens precisas dessa variante distintiva da Umbanda possam ser debatidas, é amplamente aceito que seu surgimento está intrinsecamente ligado à preservação das tradições africanas e à resistência dos praticantes africanos e afrodescendentes no Brasil. A figura de destaque, Pai Luiz D'Angelo, desempenha um papel fundamental nesse processo de codificação e consolidação da Umbanda de Almas e Angola como uma tradição profundamente africanizada da religião umbandista (Martins, 2015).

Essas origens são essenciais para entender a Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina. No entanto, antes de explorar sua história em solo catarinense, é fundamental traçar

o desenvolvimento nacional da Umbanda e a emergência da variante Almas e Angola como uma parte distinta desse mosaico religioso.

2.2 A EMERGÊNCIA DA UMBANDA E SUAS RAMIFICAÇÕES

A Umbanda, como um fenômeno religioso brasileiro, emergiu no início do século XX, quando o Brasil estava passando por profundas transformações sociais, culturais e políticas. Sua origem é complexa e multifacetada, e sua evolução ao longo do tempo deu origem a diferentes ramificações, cada uma com suas características específicas. Entre essas ramificações, destaca-se a Umbanda de Almas e Angola, que se distingue pela forte influência africana em seus rituais e práticas.

É importante enfatizar que a Umbanda não surgiu de forma isolada, mas sim como resultado de um processo de sincretismo religioso que envolveu elementos do espiritismo, do catolicismo, das religiões indígenas e, claro, das tradições africanas.

As origens da Umbanda em âmbito nacional ainda hoje é uma polêmica, existe muita divergência em meio a este assunto. Alguns praticantes afirmam que a Umbanda tem uma origem secular e fora do território nacional, como Tancredo da Silva Pinto que diz que a religião teria surgido na África através do povo Lunda Quiôco, do sul de Angola; outros veem a religião como surgida no Brasil (teoria que prevalece entre os meios acadêmicos e na maioria dos adeptos) tendo como mito de origem a história de Zélio Fernandino de Moraes e a incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, mito este também aceito pela maior parte dos crentes. (Weber, 2011, p. 2).

O espiritismo kardecista, que ganhou popularidade no Brasil no século XIX, desempenhou um papel significativo nas origens da Umbanda. A crença na comunicação com os espíritos, a mediunidade e a prática de sessões espíritas forneceram uma base para a Umbanda. No entanto, a Umbanda divergiu do espiritismo em vários aspectos importantes. Enquanto o espiritismo tendia a enfatizar a comunicação com os espíritos de pessoas falecidas, a Umbanda abriu espaço para uma gama mais ampla de entidades espirituais, incluindo os orixás africanos, os caboclos (entidades indígenas) e os pretos-velhos (espíritos ancestrais afro-brasileiros).

O catolicismo também teve um impacto considerável no desenvolvimento da Umbanda. Seus praticantes frequentemente associavam suas divindades e entidades espirituais aos santos

católicos, o que lhes permitia praticar suas crenças de forma mais discreta e evitar perseguições religiosas. Essa fusão de elementos católicos com as tradições espirituais africanas contribuiu para a singularidade da Umbanda.

A diversidade cultural e étnica do Brasil também influenciou essa religião, levando à criação de várias ramificações. Uma das mais africanizadas é a Umbanda de Almas e Angola, que se destaca por suas práticas rituais distintas, como a "Feitura de Santo" (Martins, 2015). Nesse rito, os médiuns passam por um período de reclusão e rituais intensivos, que frequentemente envolvem sacrifícios de animais, seguindo tradições africanas.

A figura de Pai Luiz D'Angelo é central na história da Umbanda de Almas e Angola. Ele desempenhou um importante papel na codificação e difusão dessa variante. Seu compromisso em preservar as tradições africanas e promover a espiritualidade afro-brasileira moldou o caráter distintivo da Umbanda de Almas e Angola.

A preservação e disseminação dessas tradições africanizadas da Umbanda forneceram base para o desenvolvimento subsequente da religião em Santa Catarina, onde ela encontrou terreno para crescer, apesar dos desafios históricos e da intolerância religiosa. Para entender completamente a evolução da Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina, é essencial considerar sua origem no contexto nacional e seu crescimento como parte de um fenômeno religioso mais amplo no Brasil.

2.3 PAI LUIZ D'ANGELO E A CODIFICAÇÃO DA UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA

Pai Luiz D'Angelo foi uma figura que se tornou referência na preservação das tradições africanas na religião. Em 1930, ele fundou a Tenda Espírita Fé, Esperança e Caridade, no Rio de Janeiro, que se tornaria um centro do desenvolvimento da Umbanda de Almas e Angola. Ele não apenas abriu um espaço para a prática religiosa, mas também começou a codificar os rituais e tradições específicos que caracterizariam essa variante.

[...] na primeira década, logo após a abertura da Tenda Espírita Fé, Esperança e Caridade, ocorrida em meados de 1930, Pai Luiz D'Angelo manteve separado o Rito Almas e Angola das atividades e/ou sessões de Umbanda, porém ao longo do tempo as duas práticas foram se mesclando. A amálgama que ocorreu em sua Tenda, localizada na Rua Iguaçu, no Bairro Engenho Leal no Rio de Janeiro, foi o marco inicial para o efetivo surgimento da Umbanda de Almas e Angola (Martins, 2015, n.p.).

Uma das práticas mais distintivas da Umbanda de Almas e Angola é a "Feitura de Santo". Esse rito envolve uma série de rituais intensivos realizados ao longo de sete dias. Durante esse período, o médium tem sua cabeça raspada, seguindo tradições africanas, e fica recluso no Terreiro, deitado em uma esteira (Martins, 2015). É durante esses sete dias que ocorrem as chamadas "obrigações", rituais e deveres espirituais que marcam a iniciação do médium.

Uma característica notável da Umbanda de Almas e Angola, que a diferencia de outras formas de Umbanda, é a prática de sacrifícios de animais durante as obrigações. Isso é uma herança direta das tradições africanas, nas quais o sacrifício é visto como uma maneira de estabelecer conexões espirituais e buscar a bênção dos orixás e entidades. A galinha de Angola tem um papel especial nesses rituais, sendo considerada uma ave sagrada, associada à cura e à purificação.

Pai Luiz D'Angelo não apenas codificou essas práticas, ele as transmitiu a seus seguidores e futuras gerações de praticantes. Sua influência não se limitou ao Rio de Janeiro, e seus ensinamentos ajudaram a disseminar a Umbanda de Almas e Angola para outras regiões do Brasil, incluindo Santa Catarina, onde a religião encontraria seu próprio desenvolvimento e identidade. A história de Pai Luiz D'Angelo é, portanto, inextricavelmente ligada à evolução da Umbanda de Almas e Angola em todo o país e em Santa Catarina, onde, apesar da intolerância religiosa, ela cresceria.

2.4 CONTROVÉRSIAS SOBRE A ORIGEM DOS RITOS AFRICANISTAS NA UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA

Almas e Angola é uma vertente da Umbanda que se destaca por sua forte africanização e preservação de ritos africanos. No entanto, existem controvérsias sobre a origem desses ritos (Weber, 2011; Martins, 2015).

Segundo Martins (2015), alguns estudiosos sugerem que a Umbanda de Almas e Angola pode ter suas raízes nas práticas calundus dos negros bantos. Os calundus eram reuniões secretas onde os africanos escravizados realizavam rituais religiosos que mesclavam elementos de suas crenças nativas com o catolicismo. Com o tempo, essas práticas evoluíram e se

mesclaram com o espiritismo e o kardecismo, dando origem à Umbanda, incluindo a variante de Almas e Angola.

Outra teoria aponta para a influência da "Cabula", uma prática religiosa afro-brasileira que também incorporava elementos do catolicismo e das crenças africanas (Martins, 2015).

No entanto, independentemente de sua origem precisa, a maioria dos estudiosos e praticantes concorda que Pai Luiz D'Angelo foi o codificador da Umbanda de Almas e Angola (Weber, 2011; Martins, 2015). Ele unificou e organizou os rituais, estabeleceu os fundamentos e os princípios da religião e, assim, deu forma a essa variante específica da Umbanda. Nela, “o ritual tem como principal característica as obrigações de camarinha acompanhada com as feituas de santo, o que o aproxima muito do Candomblé, muitos dizem que Almas e Angola é a mistura de Umbanda com Candomblé” (Weber, 2011, p. 4).

A palavra Almas faz uma alusão aos espíritos dos negros ancestrais africanos, que hoje se manifestam na sessão de Preto-Velho. Da mesma forma, estão incluídos também no termo Almas, os Caboclos, ancestrais de índios que habitavam o Brasil, além de outros espíritos que compõem as falanges como a do Exu/Pomba-Gira e Beijada. [...] Já a palavra Angola, aqui empregada, está fazendo uma referência ao culto aos Orixás. Trata-se do culto às divindades que estão presentes na natureza e que por serem elementais, não estão incluídas na categoria de espíritos ou eguns (Martins, 2006, p. 23 *apud* Weber, 2011, p. 4).

Portanto, embora as origens exatas dos ritos africanistas na Umbanda de Almas e Angola possam ser objeto de debate e controvérsia, a figura de Pai Luiz D'Angelo é incontestável em sua influência e papel fundamental na codificação e propagação dessa vertente única da Umbanda. Seja qual for a origem, a Umbanda de Almas e Angola se distingue por sua forte conexão com as tradições africanas e sua devoção à preservação dessas raízes culturais e espirituais.

2.5 A EXPANSÃO DA UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA EM SANTA CATARINA

A história da Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina é marcada por muitos desafios. A penetração e consolidação dessa tradição no estado geraram resistência e repressão por parte das autoridades e de outros grupos religiosos. A religiosidade predominante em Santa Catarina, com forte influência europeia, criou um ambiente hostil para as práticas afro-

religiosas. A presença de comunidades negras, embora significativa, sempre desencadeou discriminação e marginalização.

Inúmeros foram os relatos de represália contra praticantes de magia, feitiços e outras modalidades de trabalhos espiritualistas, principalmente aqueles ligados aos trabalhos com incorporação de Exu, Pomba-Gira, Caboclos e Pretos-Velhos e ao uso de cachaça, charuto, cachimbo, etc. Os próprios Kardecistas, na época em que a Umbanda surge em Santa Catarina, recriminavam esses tipos de atividades, reforçando ao lado da igreja católica, a rejeição contra a prática espiritualista (Martins, 2015, n.p.).

Até a década de 1940, a Umbanda já havia se difundido em outras regiões do Brasil, mas ainda era pouco conhecida e praticada em solo catarinense, onde se realizava de forma sigilosa e individualizada (Martins, 2015). A influência de líderes religiosos, como Pai Luiz D'Angelo, foi fundamental para a introdução da Umbanda de Almas e Angola no estado.

Mesmo tendo sido criado no Rio de Janeiro, foi no estado de Santa Catarina, mais especificamente na Grande Florianópolis, que o Ritual de Almas e Angola se estabeleceu e se difundiu. Hoje extinto no Rio de Janeiro, é o ritual afro-brasileiro que mais cresce e que tem maior número de casas no estado de Santa Catarina, sendo também esse o único local em que hoje se pratica (Weber, 2011, p. 4).

O pioneirismo de Mãe Malvina Ayroso de Barros, conhecida como Mãe Malvina, foi outro importante elemento nesse processo. Em 1941, ela viajou ao Rio de Janeiro, onde teve contato direto com a Umbanda e seus rituais. Ao retornar a Santa Catarina, Mãe Malvina fundou, em 1947, o Centro Espírita São Jorge Guerreiro (registrado em 1953), no Bairro do Estreito, que se tornou um dos primeiros locais a praticar a Umbanda de Almas e Angola no estado (Martins, 2015).

Guilhermina Barcelos, a Mãe Ida, também é um nome de destaque na prática da religião em Florianópolis. Em 1949, ela já praticava a Umbanda tradicional com sessões e atendimento ao público, quando então viajou para o Rio de Janeiro em busca de fundamentos para reestruturar seu terreiro. “Lá ela encontra os ensinamentos de pai Luiz D'Ângelo, e em 1949 faz sua camarinha de Babá no Ritual de Almas e Angola. Em 30 de setembro de 1951 inaugura seu terreiro Centro Espírita de Umbanda São Jerônimo, no bairro Saco dos Limões” (Weber, 2011, p. 4-5).

Os anos 1950 e 1960 representaram um período de crescimento, mas também de intensa repressão policial contra as práticas afro-religiosas em Santa Catarina. Há “registros de prisões

e tortura contra pais e mães de santo”, bem como “humilhações e invasões policiais nos Terreiros” (Martins, 2015, n.p.).

Em 1962, na cidade de Florianópolis, José dos Lírios de Lyra Telles, também conhecido como Pai Telles, fundou a União da Umbanda de Santa Catarina. Embora tenha tido pouca expressividade estadual por falta de apoio político e financeiro, essa fundação representou um esforço para unificar e fortalecer a Umbanda no estado, com objetivo de amparar legalmente os Terreiros brasileiros, em meio a um contexto repressivo. (Martins, 2015).

Na década de 1970, por outro lado, a repressão diminuiu devido à divulgação, na mídia local, das atividades e festividades da Umbanda Catarinense. Começavam também os “movimentos voltados a criação de federações legitimando e legalizando a prática em todo o Estado” (Martins, 2015, n.p.).

Em 1974, foi realizado o Primeiro Congresso Catarinense de Umbanda, organizado por Pai Telles, o que demonstrava o esforço da comunidade umbandista em se organizar e ganhar reconhecimento. Nesse mesmo ano, foi criado o SOUESC (Superior Órgão de Umbanda do Estado de Santa Catarina), um órgão que tinha como objetivo representar e unificar os terreiros de Umbanda em Santa Catarina. (Martins, 2015).

Ainda em 1975, a União Municipal Umbandista de Joinville foi criada, demonstrando a expansão da Umbanda para diferentes regiões de Santa Catarina. (Martins, 2015).

A década de 1980, na sequência, testemunhou um período de maior integração entre os terreiros de Umbanda no estado. (Martins, 2015).

Nessa época, a Umbanda de Almas e Angola já estava bem estabelecida em SC, e novos terreiros surgiram em diversas regiões. Além disso, a década de 1980 correspondeu ao período de surgimento do Candomblé de Keto em Santa Catarina (Martins, 2015), enriquecendo ainda mais o cenário das religiões de matriz africana no estado.

A década de 1990 trouxe mais desafios e mudanças para a Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina. Foi um período de menor integração, no qual a FUESC (Federação Umbandista do Estado de Santa Catarina) foi criada para substituir o CEUCASC (Conselho Estadual de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros de Santa Catarina), que estava em declínio. (Martins, 2015).

Ao mesmo tempo, ocorria uma ampliação do número de terreiros de Almas e Angola na Grande Florianópolis. “A Umbanda de Almas e Angola conseguiu em apenas uma década ampliar o número de Terreiros de 50 para mais de 200 Terreiros localizados, principalmente nos municípios de Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos e Antônio Carlos” (Martins, 2015, n.p.).

Os anos 2000 foram marcados por lançamentos de livros, eventos e festividades umbandistas, bem como a fundação da ATUAA (Associação dos Terreiros de Umbanda de Almas e Angola do Brasil) e a criação da Web Rádio Voz dos Orixás, primeira rádio online de SC com programação integral voltada à Umbanda e ao Candomblé. (Martins, 2015).

Na década de 2010, a Grande Florianópolis, por ter sido o local da origem oficial da Umbanda em Santa Catarina, continuou a ser uma referência para as práticas umbandistas. Com a publicação de obras como *Umbanda de Almas e Angola: Ritos, Magia e Africanidade* (2011), do intelectual umbandista Giovani Martins, a religião ganhou projeção nacional.

No entanto, a intolerância religiosa continuou em SC, por meio de represálias e intimações jurídicas e policiais. Em 2013, entrou em vigor, no município de Florianópolis, a chamada "Lei do Silêncio", intimando terreiros por causa do uso de atabaques em seus ritos internos. Em 2014, um terreiro umbandista catarinense foi invadido pela Polícia Militar de Santa Catarina, que além de quebrar os atabaques, prendeu dirigentes e adeptos. (Martins, 2015). A situação levou a uma discussão pública sobre a liberdade religiosa e os direitos dos praticantes de religiões de matriz africana.

No final de 2014, então, a Câmara Municipal de Florianópolis aprovou uma lei que permitia que os terreiros de matrizes africanas utilizassem os atabaques até às 2 horas da manhã, decisão que motivou indignação e revolta por parte dos adeptos, que se sentiram novamente submetidos a leis municipais que desrespeitavam seus direitos de liberdade de culto religioso garantidos pela Constituição Federal. (Martins, 2015).

A Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina buscou, então, legitimar suas práticas religiosas. Em abril de 2015, uma ação-manifesto foi entregue à OAB solicitando apoio jurídico devido à intolerância religiosa presente em várias partes do estado. (Martins, 2015).

Ainda no mês de abril de 2015, foi realizada a sétima carreatà à Ogum no município de São José, na Grande Florianópolis, chamando a atenção dos adeptos umbandistas para a necessidade de mobilizações contra a intolerância religiosa. Mesmo assim, ainda em 2015, mais um terreiro seria fechado em Florianópolis. (Martins, 2015).

Em suma, a história da Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina é um testemunho da resiliência e da determinação dos adeptos em preservar e promover suas tradições religiosas em meio a grandes adversidades. Seu crescimento, expansão e luta contra a intolerância são parte integrante da história religiosa e cultural do estado.

A luta contra a intolerância religiosa é uma batalha contínua em muitas partes do Brasil, principalmente em Santa Catarina. A discriminação e o desconhecimento sobre as religiões de matriz africana ainda persistem, exigindo esforços contínuos de educação e conscientização.

Além disso, a preservação das tradições e rituais da Umbanda de Almas e Angola é essencial para garantir que essa vertente continue a ser uma parte viva do patrimônio cultural brasileiro. O reconhecimento oficial de suas práticas e a proteção de seus locais de culto são fundamentais nesse processo. É necessário continuar sempre promovendo o diálogo inter-religioso, o respeito às diferenças e a valorização das tradições religiosas que fazem parte da do Brasil.

Para finalizar, uma reflexão:

A Umbanda foi a religião afro-brasileira pioneira na cidade de Florianópolis, ela abriu caminho para que outras religiões e rituais chegassem na região, como Omolocô, Cabula (praticados por poucos na região), Candomblé (que apareceu na década de 1970) e Almas e Angola. [...] Infelizmente, esses rituais afro-brasileiros citados acima são vistos pelos adeptos da Umbanda que segue a linha de Zélio Fernadino de Moraes, como arcaicos, de uma cultura atrasada e tendo que serem saneados, ou seja, predomina o ideal de branqueamento e a africanização é condenada, e para piorar, essas disputas acontecem entre os próprios adeptos desses cultos (Weber, 2015, p. 3).

No próximo capítulo, vamos abordar aspectos mais recentes da Umbanda, para entendermos sua relação com os corpos e gêneros dissidentes (identificados pela sigla LGBTQ+), que é o objetivo do nosso trabalho.

Pela literatura já consultada, podemos adiantar que a marginalização e a repressão, historicamente enfrentadas tanto por esses corpos e gêneros dissidentes quanto pela própria Umbanda como religião de pessoas não brancas, são marcadores fundamentais dessa relação. Ela contém em seu acolhimento uma construção de fé e de resistência contra esses marcadores notadamente racistas, classistas e sexistas da sociedade brasileira e, em especial, da sociedade catarinense.

3. A RELAÇÃO ENTRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E OS CORPOS E GÊNEROS DISSIDENTES

Este capítulo tem como objetivo explorar a relação entre as religiões de matriz africana, com foco na Umbanda, e os corpos e gêneros dissidentes do heterossexismo, tais como os corpos pertencentes à população LGBTQ+. Essa relação é um campo complexo e multifacetado que merece uma análise aprofundada. No contexto brasileiro, onde a diversidade religiosa, a pluralidade de identidades de gênero e o preconceito são evidentes, as religiões de matriz africana, em particular a Umbanda, desempenham um papel significativo na vida de muitos indivíduos.

A Umbanda, como uma das principais religiões de matriz africana no Brasil, carrega consigo uma rica tradição espiritual e cultural que tem se mostrado flexível e inclusiva em relação às diversas expressões de gênero e sexualidade. Esta religião, que combina elementos africanos, indígenas e ocidentais, abre um espaço de convivência em que a pluralidade de corpos e identidades de gênero é reconhecida. A presença de divindades e entidades que desafiam as normas de gênero tradicionais, como Exu e Pomba-gira, por exemplo, torna a Umbanda um contexto propício para a discussão sobre a relação entre religião e gêneros dissidentes.

Através de uma revisão da literatura sobre o tema, este capítulo abordará como as religiões de matriz africana, em especial a Umbanda, lidam com a homossexualidade e identidades de gênero dissidentes, bem como as representações e rituais relacionados a essas questões. Será explorada a forma como essas religiões influenciam e são influenciadas pelas construções de gênero na sociedade, contribuindo para uma maior compreensão das interações entre religião, identidade de gênero e sexualidade na realidade brasileira.

Veremos o papel dos cultos afro-brasileiros na promoção da inclusão e aceitação de indivíduos LGBTQ+, bem como a capacidade dessas religiões de criar espaços de liberdade, agência e expressão para aqueles que não se enquadram nos padrões tradicionais de gênero ou de corpos.

3.1 REVISÃO DA LITERATURA: AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE

A revisão teórica sobre a relação entre religiões de matriz africana, em especial a Umbanda, e identidades de gênero dissidentes oferece uma boa compreensão das complexas interações entre religião, gênero e sexualidade. A literatura existente aborda essas questões sob várias perspectivas.

Os textos de Silva dos Santos (2009), Holanda (2013), Pereira e Cavalcante (2017) e Teixeira (2021) destacam que as religiões de matriz africana, como a Umbanda, muitas vezes oferecem um espaço de aceitação e liberdade para pessoas com diferentes identidades de gênero e sexualidades, enquanto as religiões influenciadas pelo cristianismo frequentemente perpetuam estigmas e exclusão. Essas diferenças podem ser atribuídas à diversidade e ao sincretismo presentes nas religiões afro-brasileiras e à sua histórica resistência contra a dominação colonial e a imposição de normas sociais. Além disso, a ausência da noção de culpa e pecado, juntamente com a flexibilidade moral, permite que indivíduos com identidades diversas encontrem aceitação e espaço nessas religiões.

Segundo Silva dos Santos,

[...] comparadas com outras devoções (catolicismo, pentecostalismo, neopentecostalismo, entre outras), as afro-brasileiras ocupam lugar de destaque [entre as posições discordantes da normatividade heterossexual], visto que tendem a se afastar das denominações citadas em virtude da ausência da noção de culpa e pecado. O candomblé, por exemplo, tem sido uma escolha corriqueiramente procurada por homens e mulheres homossexuais interessados na religião dos orixás. Tanto na Bahia quanto na região metropolitana do Rio de Janeiro, “não é temerário dizer”, escreveu Delcio Monteiro de Lima (1983, p. 182) há mais de duas décadas, que os homossexuais dividem com os heterossexuais uma presença quantitativa de caráter permanente na umbanda e no candomblé, sendo que na região de Salvador chegam a predominar. (Silva dos Santos, 2009, p. 4).

Holanda, no mesmo sentido, explica:

A Umbanda é historicamente uma religião discriminada e que acolhe diversos públicos estigmatizados - como pobres, negros, prostitutas, homossexuais, portadores de diversas doenças, entre outros. Todos esse(a)s seriam lideranças estigmatizadas fora da religião de Umbanda, mas são respeitad(o)as dentro dela. Malgrado as perseguições sofridas pela religião, ela permanece viva, justamente por (re)inventar velhas e novas práticas culturais e de resistência no desafio pela sobrevivência de seus seguidores (Holanda, 2013, p.24).

Pereira e Cavalcante (2017), por sua vez, abordam a situação de exclusão e estigmatização diária enfrentada pela comunidade homossexual no Brasil, especialmente no

contexto de práticas e cultos religiosos, como algo motivado, em grande parte, por valores e dogmas que permeiam as correntes majoritárias do pensamento religioso judaico-cristão. Isso porque essas correntes frequentemente interpretam a homossexualidade como uma anormalidade, um vício ou um pecado.

Essas visões negativas da homossexualidade estão enraizadas em interpretações literais e fundamentalistas dos textos religiosos, como a história da destruição de Sodoma na Bíblia. Segundo Pereira e Cavalcante (2017), a interpretação desses textos contribui para a promoção do heterossexismo e da lógica patriarcal na sociedade, influenciando a visão das identidades de gênero e sexualidades. Historicamente, essa visão negativa da homossexualidade resultou em perseguições, punições e execuções de homossexuais durante a inquisição da Igreja Católica.

Em referência à narrativa bíblica de destruição da cidade de Sodoma (Cf. Gênesis, cap. 19, vers. 1-11), os homens homossexuais são ainda hoje vistos como depravados e imundos prevaricadores, praticantes do vício espúrio ou do desvio antinatural de sodomia - que, segundo a interpretação literal e fundamentalista do texto bíblico, contamina os modos, os usos e os costumes de qualquer tempo ou lugar. Essa concepção fundamentalista serve como base do pensamento heterossexista - sobremodo nas sociedades colonizadas-, por meio da lógica patriarcal de cristianização da concepção familiar e das relações com os corpos. (Pereira e Cavalcante, 2017, p.3).

As religiões afro-brasileiras, por outro lado, como a Umbanda, diferem dessas correntes dominantes. Elas se constituem historicamente como espaços de resistência contra a opressão social, o racismo, o sexismo e o colonialismo, e, portanto, são vistas com reprovação por grande parte da sociedade brasileira, que muitas vezes mantém uma mentalidade cristã e pequenoburguesa.

[...] como a maioria de seus/suas seguidore(a)s são marginalizado(a)s e diferenciado(a)s pela raça, pela condição social, pelo gênero e pela sexualidade, as religiões de matriz africana e afro-brasileira são invariavelmente vistas, pela maioria dos grupos sociais brasileiros, e conforme os crivos de uma mentalidade cristã e pequenoburguesa, com reprovação e constrangimento. Na própria expressão de sua constituição histórica, essas religiões se constituem - ainda hoje - como espaços de resistência e luta contra diversos tipos de opressões sociais racistas, sexistas e colonialistas, contrárias aos modos e aos comportamentos de vida de seus/suas seguidore(a)s: marginalizado(a)s socialmente em inúmeros e interseccionais aspectos (de raça, gênero e classe social). (Pereira; Cavalcante, 2017, p.4)

Nesse sentido, a própria formação da religião como algo marginalizado e localizado nas periferias é algo fundamental para entender essa relação. Segundo Pereira e Cavalcante (2017, p. 8), “historicamente, a Umbanda surge, no começo do século XX, em meio ao aumento

significativo do contingente populacional urbano de ex-escravizado(a)s, precisamente durante o processo de industrialização e ocupação dos espaços periféricos das grandes cidades do sudeste brasileiro” e, por isso,

os terreiros ou as casas de Umbanda geralmente estão, ainda hoje, localizados nas áreas periféricas das grandes e médias cidades e têm, como característica ritual comum, o culto às entidades reverenciadas pelo sincretismo religioso afro-brasileiro - envolvendo transe mediúnicos, consultas espirituais e oferendas a entidades como preto(a)s velho(a)s, caboclo(a)s, crianças, cigano(a)s, povos de rua, marinheiros, boiadeiros... justamente por parte daquele(a)s que sempre pertenceram às camadas mais humildes e populares da sociedade. (Pereira; Cavalcante, 2017, p. 8).

Outros aspectos da relação entre religiosidade afro-brasileira e homossexualidade, segundo Silva dos Santos em sua revisão da literatura antropológica sobre o tema, incluiriam

[...] o apreço homossexual aos aspectos estéticos, lúdicos e festivos perceptíveis nas festas em homenagens aos orixás; a sexualidade mítica (orixás masculinos, femininos e ambivalentes) enquanto modelo para a construção de identidades sociais, sexuais e de gênero; a conexão entre feminilidade, homossexualidade masculina e possessão ritual; a inexistência da noção de culpa/pecado e, conseqüentemente, uma certa flexibilidade moral e liberalidade sexual em termos de condutas pessoais. (Silva dos Santos, 2009, p.14).

Assim, a presença de homens negros gays nas Comunidades Tradicionais de Terreiro, abordada por Teixeira (2021), desafia normas sociais e morais que historicamente privilegiam a branquura, a masculinidade e a heterossexualidade.

A presença de homens negros gays nas Comunidades Tradicionais de Terreiro (NOGUEIRA, 2020), bem como de outros corpos marcados como os “anormais” em razão de uma “moral restritiva” (TEIXEIRA, 2019, p. 15) indica que as agências que se interpõem contra os modelos de subordinação travam disputas políticas, embora a branquura, a masculinidade e a heterossexualidade sejam anunciadas compulsoriamente como legitimidade moral “naturalmente” validada. [...] a presença de homens negros gays fere a composição de mundo pautada nos privilégios entrecortados da masculinidade e da branquura publicizadas como hegemônicas, bem como a possibilidade de vida longe dos padrões ocidentais que delimitam moral através do pecado e do medo. (Teixeira, 2021, p.35).

Portanto, os adeptos homossexuais da Umbanda enfrentam desafios sociais e buscam na religião um espaço de aceitação. Assim,

[...] é também pelo enfrentamento do desafio social à sobrevivência e à autoafirmação que o(a)s adepto(a)s homossexuais da Umbanda buscam, no

seu cotidiano religioso, a sua visibilidade e aceitação como sujeito(a)s digno(a)s e respeitáveis. A maioria, talvez, veja na Umbanda um espaço de possível acolhimento, fortalecimento e liberdade. Esperam encontrar nos terreiros e nas casas o apoio e a proteção os quais a sociedade sistematicamente lhes nega - haja vista não se enquadrarem nos padrões e nos estereótipos racistas, classistas e sexistas dos modos de uma vida pequeno-burguesa (voltada para a manutenção da família heteronormativa tradicional e dos padrões elitistas e utilitaristas da supremacia branca). (HOLANDA, 2013 p. 9).

Segundo a literatura, então, a Umbanda é uma religião com características de abertura para a pluralidade de identidades de gênero e sexualidade e de resistência às noções convencionais. As próprias divindades e entidades presentes nos rituais muitas vezes representam uma multiplicidade de papéis de gênero, que desafiam as normas hetero-cis-sexistas. Além disso, os rituais de possessão, nos quais médiuns incorporam essas entidades, permitem uma exploração fluida das identidades de gênero.

A Pomba-gira, por exemplo, muitas vezes considerada uma contraparte feminina de Exu, desafia normas de gênero e sexualidade, manifestando-se em médiuns de todas as identidades de gênero. Frequentemente associada à sexualidade e à violência, a Pomba-gira transcende também as fronteiras tradicionais da própria expressão feminina (Pereira, 2012).

A sexualidade é uma manifestação latente nos cultos afro-brasileiros. Seja por meio de representações, como as fálicas ligadas a exu (Conduru, 2007; Boyer, 2007) seja pela sexualidade inconfessa relacionada à Pomba-gira (Prandi, 1996), o fato é que tais cultos têm no sexo e em suas representações masculinas e femininas não um tabu, mas antes uma expressão das cosmologias, da vida dos deuses e da vida humana. (Pereira, 2012, p.2).

No entanto, não há estudos concretos que façam uma relação direta entre a incorporação da pomba-gira em médiuns masculinos e a homossexualidade. Segundo Pereira (2012, p. 4), haveria apenas “um senso comum entre os vários adeptos do culto a pomba-gira de uma possível ‘efeminilização’ do médium masculino que trabalha com esta entidade”.

Existem também mitos e narrativas nas religiões afro-brasileiras que abordam a homossexualidade entre os orixás masculinos Ossaim e Oxóssi, bem como a androginia de Logum Edé, orixá que simbolizaria uma intersecção das identidades de gênero masculina e feminina.

Segundo Pereira, é importante ressaltar, no entanto, que essas representações são interpretativas e podem variar de acordo com cada casa/terreiro e suas tradições específicas.

De qualquer forma, podemos inferir que essas entidades e a forma como são cultuadas na Umbanda criam um espaço onde as identidades de gênero dissidentes podem ter mais

liberdade. Muitas casas de Umbanda acolhem indivíduos LGBT+, fornecendo um espaço onde podem expressar sua sexualidade e identidade de gênero de maneira autêntica.

De toda forma, a relação entre as religiões afro-brasileiras e a homossexualidade não é uniforme em todos os lugares. As práticas e crenças podem diferir significativamente, e a aceitação e inclusão de pessoas LGBT+ dependem, em grande parte, da liderança, das tradições de cada casa e das interpretações individuais.

Isso é relatado por Gonçalves da Silva (2010) em sua pesquisa sobre as percepções de jovens de diferentes comunidades religiosas sobre a homossexualidade e os direitos sexuais, realizada na Região Metropolitana de São Paulo. A autora diz que nas percepções dos jovens participantes do estudo houve valorização das escolhas pessoais para a dimensão da sexualidade, nas qual eles se reconheceram como sujeitos de direitos independentemente do posicionamento de sua religião (católicos, umbandistas, candomblecistas); e houve posturas que reproduziram o posicionamento religioso mais conservador para definição da dimensão de direitos (pentecostais e anglicanos).

Segundo a autora (Gonçalves da Silva, 2010), as diferentes religiões abordam a questão da homossexualidade de maneiras distintas. Nas religiões pentecostais, a homossexualidade é vista como "pecado" e não há possibilidade de aceitação de nenhuma diversidade sexual. Já nas religiões afro-brasileiras, os adeptos parecem estar mais próximos do reconhecimento do exercício da sexualidade como um direito, e classificam suas religiões como "inclusivas". No entanto, mesmo entre os jovens afro-brasileiros, houve expressão de dúvidas ou restrições em relação à aceitação da homossexualidade por parte da religião e pelas divindades religiosas, bem como dúvidas sobre a aceitação da comunidade religiosa da manifestação pública de afeto homossexual.

Apesar disso, a literatura consultada para este capítulo destaca que as religiões afro-brasileiras frequentemente servem como espaços de aceitação e empoderamento para indivíduos LGBT+. É óbvio que preconceitos existem, dado que essas religiões, mesmo com sua característica de resistência, vivenciam o hetero-cis-sexismo do contexto geral da sociedade brasileira. Mesmo assim, elas oferecem oportunidades de desenvolvimento mediúnico, independência econômica e proteção, servindo como refúgios para pessoas dos mais variados corpos e gêneros.

As religiões de matriz africana também desafiam ativamente as normas sociais que perpetuam a exclusão e a discriminação com base no gênero e na sexualidade. A ênfase na inclusão, aceitação e respeito pela diversidade contradiz os padrões tradicionais e as construções sociais que estigmatizam as identidades LGBT+. Isso representa um desafio direto

às estruturas de poder e aos sistemas de opressão que operam na sociedade em relação às comunidades LGBT+ (Pereira, 2012).

Os cultos afro-brasileiros também fornecem um espaço para agência e autonomia individual de seus adeptos. Pessoas LGBT+ têm a oportunidade de afirmar suas identidades e buscar reconhecimento dentro dessas religiões. A liderança de homossexuais em candomblés de caboclo, por exemplo, pode ser vista como uma estratégia de busca por status social e legitimação dentro da sociedade e das práticas religiosas. Assim, os cultos possibilitam que os indivíduos LGBT+ se tornem relevantes e reconhecidos, contrabalançando o estigma e a marginalização que enfrentam em outras esferas de suas vidas (Pereira, 2012).

3.3 INCLUSÃO, FLEXIBILIDADE, AGÊNCIA, RESISTÊNCIA, SENSIBILIDADE, DIVERSIDADE, IGUALDADE E LIBERDADE

Em resumo, a relação entre as religiões de matriz africana, como a Umbanda, e os gêneros e corpos dissidentes – representados pela sigla LGBT+ e pela questão da homossexualidade mencionada pelos autores citados anteriormente – é influenciada por diversos fatores: 1) Inclusão e aceitação social, 2) Flexibilidade de identidade de gênero, 3) promoção de Agência e empoderamento, 4) Resistência às normas tradicionais de gênero, 5) Sensibilidade ao histórico de discriminação e preconceito, 6) Diversidade e heterogeneidade religiosa presente nessas religiões, 7) o princípio da Igualdade para todos e 8) Liberdade moral.

Esses elementos combinados proporcionam um ambiente de maior acolhimento para os indivíduos LGBT+. Veremos cada um deles a seguir.

1) Inclusão e aceitação social:

As religiões de matriz africana são frequentemente mais inclusivas e acolhedoras, oferecendo um espaço onde pessoas LGBT+ encontram aceitação. Dentro dos terreiros, todas as pessoas devem ser respeitadas e tratadas com dignidade, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Esse ambiente de aceitação pode ser uma fonte crucial de apoio emocional e social para aqueles que enfrentam rejeição e discriminação em outros aspectos de suas vidas.

2) Flexibilidade de identidade de gênero:

As tradições religiosas afro-brasileiras flexibilizam as normas tradicionais de gênero, permitindo a expressão de diversas identidades. Figuras religiosas como Exu, Pomba-gira, Ossaim e Odé/Oxossi podem ter interpretações flexíveis na sua definição de papéis de gênero e sexualidade.

3) Agência e empoderamento:

Muitos indivíduos LGBTQ+ encontram nos cultos de matriz africana um espaço onde podem assumir papéis de liderança e ganhar reconhecimento. Esse empoderamento é especialmente significativo quando consideramos o estigma e a marginalização que essas pessoas frequentemente enfrentam na sociedade em geral. A capacidade de liderar rituais e participar ativamente nas atividades religiosas dentro dos terreiros contribui para o desenvolvimento do potencial desses indivíduos e proporciona sentido de pertencimento e legitimidade.

4) Resistência às normas tradicionais de gênero:

A resistência às normas tradicionais de gênero é uma característica notável nas religiões afro-brasileiras. Isso é evidenciado nas práticas rituais, nas representações de divindades e na aceitação de múltiplas formas de expressão de gênero. Além disso, o feminino também é algo valorizado nessas religiões, que cultuam várias entidades femininas.

5) Sensibilidade ao histórico de discriminação e preconceito:

Devido ao histórico de discriminação e marginalização enfrentado por essas religiões, elas são sensíveis às lutas por aceitação e inclusão. Isso as torna mais propensas a receber indivíduos marginalizados, como aqueles da população LGBTQ+. O próprio histórico de resistência e luta das religiões de matriz africana as torna aliadas naturais na busca por igualdade.

6) Diversidade e heterogeneidade religiosa:

Um ponto essencial a considerar é a diversidade e heterogeneidade dentro das próprias religiões afro-brasileiras. Cada terreiro pode interpretar e praticar as crenças de diversas formas. Isso significa que a aceitação da homossexualidade, de corpos e identidades de gênero dissidentes pode variar de um lugar para outro, mas, em termos gerais, é algo menos sujeito a sanções do que em outras denominações religiosas.

7) *Igualdade para todos:*

Segundo Teixeira (2021), todos são iguais na religião, independente de raça, gênero ou classe social. Embora isso possa ser relativizado em alguns lugares, “dentro dos terreiros, não se faz diferença entre o homossexual e o heterossexual. O mesmo acontece entre o pobre ou o rico, entre o faxineiro e o presidente da multinacional. Todos vestem branco, todos batem a cabeça no chão em sinal de humildade, todos são dignos de respeito”. (Teixeira, 2021, p. 40).

8) *Liberdade moral:*

Por último, podemos mencionar a liberdade e a flexibilidade moral ligadas à ausência da noção de pecado como mais um dos fatores dessa maior aceitação dos LGBT+ nas religiões de matriz africana.

Neste capítulo, exploramos a complexa relação entre as religiões de matriz africana, com foco na Umbanda, e os corpos e gêneros dissidentes, representados pela sigla LGBT+. No contexto repressivo brasileiro, as religiões de matriz africana desempenham um papel importante na vida de muitas pessoas. A Umbanda, como uma das principais representantes dessas religiões, abre espaço para a convivência da pluralidade de corpos e identidades de gênero e, portanto, é um contexto propício para a discussão desse tema.

Abordamos, também neste capítulo, como essas religiões lidam com a homossexualidade e identidades de gênero dissidentes, bem como as representações e rituais relacionados a essas questões. A literatura revisada destaca que as religiões de matriz africana muitas vezes oferecem um espaço de aceitação e liberdade para pessoas LGBT+, enquanto as religiões influenciadas pelo cristianismo frequentemente perpetuam estigmas e exclusão.

As religiões de matriz africana, assim, desafiam ativamente as normas sociais que perpetuam a exclusão e a discriminação com base no gênero e na sexualidade, promovendo inclusão, flexibilidade, agência, resistência, sensibilidade ao histórico de discriminação, diversidade religiosa, igualdade para todos e liberdade moral.

A importância desse capítulo para o desenvolvimento subsequente do nosso Trabalho de Conclusão de Curso reside em estabelecer uma compreensão das interações complexas e dinâmicas entre religião e gêneros dissidentes, com foco especial na Umbanda.

No próximo capítulo, serão abordadas as entrevistas realizadas com dois pais de santo em Florianópolis, o que permitirá uma análise mais aprofundada das experiências reais e da perspectiva dos praticantes da Umbanda em relação à aceitação de identidades LGBTQ+ em suas práticas religiosas. Isso ajudará a ilustrar a teoria com a prática, fornecendo uma visão mais completa dessa interação complexa e multifacetada.

4. A UMBANDA E O ACOLHIMENTO DAS PESSOAS LGBT+: O RELATO DE DOIS PAIS DE SANTO EM FLORIANÓPOLIS

Este capítulo se dedica à metodologia da História Oral e à análise das entrevistas realizadas no contexto do presente trabalho.

A História Oral se revela uma ferramenta fundamental para a compreensão aprofundada das relações entre as religiões de matriz africana, como a Umbanda, e as questões de gênero e sexualidade. Abordaremos a importância da História Oral na pesquisa, destacando a valorização das vozes daqueles que geralmente são excluídos nas narrativas dominantes.

Em seguida, discorreremos sobre os principais pontos da metodologia, resumindo as contribuições de alguns autores que tratam desse método, como José Carlos Sebe Bom Meihy (1996), Alessandro Portelli (1997), Paul Thompson (1998), Latif Antonia Cassab e Aloísio Ruscheinsky (2004).

Por último, apresentaremos as transcrições completas das entrevistas que realizamos com dois pais de santo de Florianópolis e, na sequência, faremos a análise das narrativas.

4.1 HISTÓRIA ORAL: UMA ABORDAGEM FUNDAMENTADA NA ESCUTA E NA MEMÓRIA

A História Oral é uma metodologia que se concentra em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, sejam eles padrões culturais, estruturas sociais, processos históricos ou o cotidiano das pessoas. O principal diferencial dessa abordagem é a ênfase nas vozes das pessoas comuns, muitas vezes negligenciadas nas narrativas históricas convencionais. A valorização da oralidade como forma de conferir ao sujeito o direito e o papel de centralidade no ato de narrar uma história é um dos pilares da História Oral. Ela busca resgatar as experiências individuais, proporcionando uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória de grupos sociais, sob o ponto de vista daqueles que as vivenciaram.

A utilização da História Oral possibilita o encontro entre seres humanos, conferindo à pesquisa um caráter mais humano e enriquecedor. A metodologia tem a capacidade de recuperar e apresentar a condição humana dos envolvidos nesse processo. Além disso, reconhece a

subjetividade como uma fonte de pesquisa, enfatizando a importância da voz dos sujeitos da história e a reconstrução dos acontecimentos. O resgate da memória coletiva e a ênfase na valorização das histórias de vida, relatos ou depoimentos são o que tornam esse método de pesquisa algo valioso.

Bom Meihy (1996), Portelli (1997) e Thompson (1998) são três dos principais autores de referência nesse campo de estudos. Eles contribuíram significativamente para a compreensão da metodologia da História Oral e, por isso, nos servem como base teórica. Como texto de apoio, utilizaremos também a contribuição de Cassab e Ruscheinsky (2004).

Todos os autores enfatizam a centralidade das vozes das pessoas comuns na pesquisa de História Oral. Assim, essa abordagem visa valorizar as experiências individuais e as histórias das pessoas que muitas vezes são excluídas das narrativas hegemônicas. De acordo com Portelli (1997, p.37), “fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas” (tomando classe, aqui, num sentido amplo).

A História Oral reconhece também a subjetividade inerente às narrativas pessoais. Cada entrevistado interpreta eventos e experiências de maneira única, o que mostra a importância de considerar a interpretação e o contexto pessoal ao analisar as entrevistas de História Oral.

Conforme Portelli,

a história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. “Parcialidade” aqui permanece simultaneamente como “inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador (Portelli, 1997, p. 39).

Da mesma forma, não esperamos apresentar, aqui, um trabalho imparcial, apenas a parcialidade das narrativas que admitem ter um lado.

Nesse sentido, muito importante para a História oral é a relação entre o entrevistador e o entrevistado, pois ambos fazem o resultado da pesquisa, “os documentos da história oral são sempre o resultado de um relacionamento” (Portelli, 1997, p.35). Ou seja,

[...] dados extraídos de cada entrevista são sempre o resultado de uma seleção produzida pelo relacionamento mútuo. Pesquisa histórica com fontes orais, por isso, sempre têm a natureza inconclusa de um trabalho em andamento. [...] Não obstante, o controle do discurso histórico permanece firmemente nas mãos do historiador. É o historiador que seleciona as pessoas que serão entrevistadas, que contribui para a moldagem do testemunho colocando as questões e reagindo às respostas; e que dá ao testemunho sua forma e contextos finais (mesmo se apenas em termos de montagem e transcrição).

[...] é claro que a classe não fala no abstrato, mas fala para o historiador, com o historiador e, uma vez que o material é publicado, *através* do historiador. No lugar de descobrir fontes, os partidários da história oral de certo modo as criam (Portelli, 1997, p.36-7, grifo do autor)

Nesse sentido, também a memória e o esquecimento são aspectos que desempenham um papel crucial nas narrativas orais. Os autores destacam a necessidade de compreender como a memória funciona e como as lembranças das pessoas podem ser influenciadas por diversos fatores, como emoções, a passagem do tempo e o desejo de preservar certas histórias.

A atenção às contradições e às lacunas nas narrativas orais, assim, é mais um ponto enfatizado na História Oral. Identificar divergências nas histórias e contradições pode revelar a complexidade dos eventos e as diferentes perspectivas dos entrevistados.

De maneira geral, podemos dizer que a metodologia em destaque tem um forte ponto de ancoragem na ética da pesquisa. Isso envolve questões de consentimento informado, privacidade, confidencialidade e responsabilidade em relação às histórias compartilhadas.

Segundo Cassab e Ruscheinsky (2004, p.20),

ao optar pela metodologia de pesquisa de História Oral, requer-se do pesquisador realizar algumas considerações quanto aos procedimentos e aos pontos de vista durante todo o trabalho, adotando cuidados maiores no trato com os sujeitos da pesquisa e com o material coletado. Este alerta se deve ao fato de que a identidade e a história dos sujeitos estão em jogo.

A pesquisa em História Oral, portanto, envolve “um profundo sentimento de responsabilidade”, que demanda “atenção redobrada” na “apresentação de informações prestadas por pessoas vivas e conhecidas, com as quais [o pesquisador] estabeleceu relações concretas, pessoais, cujos rostos e existência conhece, que lerão o texto final e emitirão pareceres, e cuja intimidade será lançada ao espaço público” (Cassab; Ruscheinsky, 2004, p. 22).

Com tudo isso em mente, então, partiremos para a aplicação dessa metodologia, apresentando os relatos de dois entrevistados sobre nosso tema de pesquisa.

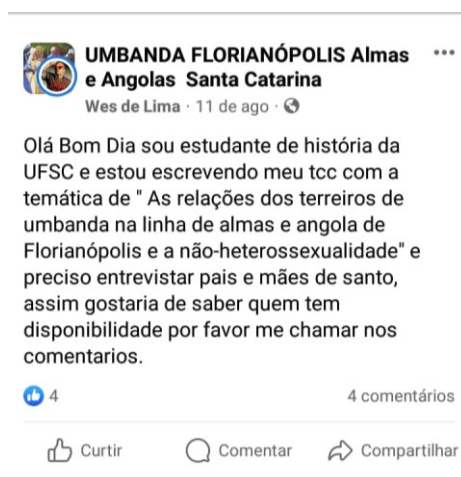
4.2 A RELAÇÃO ENTRE A UMBANDA E AS PESSOAS LGBT+ DO PONTO DE VISTA DE DOIS PAIS DE SANTO DE FLORIANÓPOLIS

No contexto do nosso trabalho, a metodologia da História Oral é fundamental, pois permite que sejam ouvidas e valorizadas as vozes daqueles que vivenciam as religiões de matriz africana, como a Umbanda, e as questões de gênero e sexualidade desde seu próprio ponto de vista. A pesquisa neste contexto é enriquecida ao reconhecer as experiências individuais e as histórias das pessoas LGBTQ+ que participam dessas religiões.

Para trabalhar esse aspecto, entrevistamos dois pais de santo de Florianópolis que se identificam como homens gays. O contato com cada um deles ocorreu de forma diferente.

Com Pai B. entrei em contato pelo intermédio de uma amiga que frequenta seu terreiro no bairro da Agrônômica. Como estava precisando de zeladores de terreiros para fazer as entrevistas do TCC, conforme havia sido definido no projeto de pesquisa, perguntei a ele se poderíamos conversar. Sua aceitação foi imediata.

Já o Pai L. foi contatado por meio de rede social, pois como não estava conseguindo outros contatos, recorri a grupos de Facebook voltados à comunidade umbandista de Florianópolis, nos quais fiz o seguinte anúncio:



Pai L. respondeu ao anúncio e também aceitou participar imediatamente. Assim, logo marcamos as datas.

A primeira entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2023, com Pai L. no seu local de trabalho. E a segunda entrevista, com Pai B., foi realizada no seu terreiro, no dia 3 de outubro. Ambas foram gravadas e feitas de forma direta e rápida, considerando as restrições de tempo relacionadas à entrega do trabalho.

O roteiro de perguntas para as entrevistas era o seguinte:

- 1- Nome completo.
- 2- Cargo dentro da religião?
- 3- Desde quando faz parte da religião?
- 4- Como lidar com o preconceito que a religião sofre da sociedade?
- 5- Por que essa relação de proximidade com a comunidade LGBTQIAPN+?
- 6- Diferente das outras religiões que discriminam e não aceitam a união de pessoas do mesmo sexo, por que as religiões de matriz africana fazem cerimônias de união de casais homoafetivos?
- 7- A relação de proximidade tem alguma coisa a ver com a questão de que tanto as religiões de matriz africana quanto a comunidade LGBTQIAPN+ sofrem preconceito desde sempre?
- 8- De uma forma geral como essa relação é vista pelo restante da sociedade na sua opinião?
- 9- Mesmo nos dias atuais o preconceito ainda existe, qual a diferença de hoje para o passado?
- 10- Qual a mensagem para o restante da sociedade que não conhece a história e nem os princípios da religião?

Como são apenas duas entrevistas, forneceremos sua transcrição completa no interior deste capítulo, o que valoriza a integridade da narrativa oral produzida tanto por pesquisador quanto pelo entrevistado, sem cortes no meio das falas.

Para fazer as transcrições, foi utilizado o software Reshape², um transcritor automático de áudio. Com a transcrição das entrevistas em mãos, foram feitas três revisões e comparações entre os áudios das conversas e os textos fornecidos pelo software, para apresentar as narrativas da forma mais fidedigna possível. Assim, chegamos ao seguinte resultado:

4.2.1 Entrevista 1

[00:00:01] **Pesquisador** Então, a primeira pergunta básica, o nome completo, né?

[00:00:05] *Entrevistado* Meu nome é L. D. P.

² <https://www.reshape.com.br/>

- [00:00:07] **Pesquisador** O cargo dentro da religião?
- [00:00:09] *Entrevistado* Eu sou Babalorixá.
- [00:00:11] **Pesquisador** E até hoje o senhor atua?
- [00:00:14] *Entrevistado* Sim.
- [00:00:14] **Pesquisador** Frequenta?
- [00:00:15] *Entrevistado* Eu tenho terreiro.
- [00:00:15] **Pesquisador** Tem terreiro?
- [00:00:16] *Entrevistado* Sim.
- [00:00:17] **Pesquisador** Desde quando, mais ou menos, participa da religião?
- [00:00:20] *Entrevistado* Há dez anos.
- [00:00:21] **Pesquisador** Há dez anos?
- [00:00:22] *Entrevistado* Da umbanda há dez anos.
- [00:00:23] **Pesquisador** Sim, e Babalorixá?
- [00:00:25] *Entrevistado* Há oito anos.
- [00:00:26] **Pesquisador** Oito anos.
- [00:00:27] *Entrevistado* Foi muito rápido a minha vida.
- [00:00:29] **Pesquisador** E aí, agora já entrando mais nas perguntas mais específicas, né? Como lidar com o preconceito que a religião sofre da sociedade?
- [00:00:41] *Entrevistado* Weslen. Weslen.
- [00:00:42] **Pesquisador** Isso.
- [00:00:43] *Entrevistado* Então, essa é uma pergunta que, para mim, até, eu não tenho nada para falar sobre a questão do preconceito, porque eu nunca sofri preconceito, porque eu tenho peito aberto. Eu abro, né? Apesar disso que eu não estou aqui [...] [palavra incompreensível na gravação], mas quando eu vou na rua, eu estou sempre de branco, eu uso o meu cap. Eu abraço umbanda e eu nunca senti essa questão do preconceito como é apregoadado. Eu tenho os dois lados, tanto a questão da religião como da minha homossexualidade. Isso já foi perguntado, inclusive, no meu casamento homoafetivo, se me permite estender.

[00:01:19] **Pesquisador** Não importa, pode ficar à vontade.

[00:01:20] *Entrevistado* O meu casamento foi um casamento homoafetivo coletivo. Isso que aconteceu há seis anos, oito anos atrás. Eu nunca sofri preconceito. Porque até assim, se acontecer qualquer situação de me olhar, de só olhares, ou tiver uma expressão de preconceito, eu não sofro porque não está aí.

[00:00:30] **Pesquisador** Não daí no seu caso, mas aí no caso no geral, que a gente sabe que sofre. A gente vê muitos casos nas mídias.

[00:00:37] *Entrevistado* Não é o meu caso, é o caso de outros.

[00:00:39] **Pesquisador** Sim.

[00:00:40] *Entrevistado* Eu acho que, na verdade, o que falta é a união dentro da própria religião. Porque, infelizmente, uma coisa que acontece é onde os terreiros, ao invés de se apoiarem dentro de si, há uma separação exclusiva. As pessoas vão na casa de um e do outro para poder praticar.

[00:01:01] **Pesquisador** Sim.

[00:01:02] *Entrevistado* E, infelizmente, isso é uma realidade. É onde, tipo, se faz uma passeata, se organiza uma passeata, alguma coisa. Muitos não vão porque foi orientado, a iniciativa foi tomada por alguém. Como eu já participei de organização de passeatas em combate à intolerância religiosa, várias pessoas que eu fui convidar, inclusive, onde meu Babalorixá da época “eu não faço parte disso porque é fulano que está organizando, porque eu conheço o fulano, porque isso não agrega”. Então, há uma falta, sim, de como é que você... A homogeneização do grupo, entende, de matriz, de ato da religião.

[00:01:50] **Pesquisador** Sim. Infelizmente. Sim. E por que essa relação, você acha, por que essa relação de proximidade com a comunidade LGBT?

[00:02:03] *Entrevistado* O acolhimento.

[00:02:04] **Pesquisador** O acolhimento...

[00:02:07] *Entrevistado* O acolhimento em si. Isso. Porque o nosso papel é justamente acolher. Não importa qual a situação, a Umbanda já vem com a relação orientada a partir do tempo da escravidão, aonde os negros se acolheram independente da nação que, se lá eles guerreavam, aqui no Brasil, as pessoas se apoiavam. Então, a gente já vem com essa orientação que é da afro religiosidade, embora hoje a Umbanda esteja muito europeizada. A afro religiosidade, ela traz a orientação de abdição, de comunhão, de apoio mútuo. Então, a questão que é recebida dentro da afro religião, não podemos usar o termo homossexual em si, sabe, ele foge da cultura europeia, que é a cultura cristã, aonde condenam a sexualidade, aonde condenam aquilo que a igreja católica, a igreja cristã, evangélicos condenam. Nós não passamos

por isso porque não seguimos a mesma fé. Então, a nossa responsabilidade, que eu digo, ela foge da cultura que foi implantada.

[00:03:20] **Pesquisador** Tu falou uma coisa importante que a gente fala muito quando fala em religião no curso de História, nessa questão da europeização. Tu acha que essa questão é muito para, tipo, sofrer menos preconceito e ser mais aceita na sociedade? Principalmente na sociedade, vamos dizer assim, da Igreja do Brasil, porque a religião “oficial” do Brasil é a católica, né? E hoje as religiões que mais crescem são as cristãs, principalmente as evangélicas. Então, tipo, essa questão dessa branquitude, que a gente vê a maioria dos...

[00:03:59] *Entrevistado* A necessidade de aceitação aparece na necessidade de aceitação.

[00:04:01] **Pesquisador** Isso.

[00:04:02] *Entrevistado* E inclusive não é uma aceitação da comunidade, é isso que eu também coloco dentro da sociedade. É uma aceitação inclusive individual. Porque o cristianismo, né, ele está muito arraigado na nossa cultura, no caso no Brasil. Porque foi evangelizado como cultura cristã. E hoje, eu mesmo, eu não chego de cara dentro do meu terreiro e falo que é cultura cristã. Porque as pessoas sofrem impacto com isso. Eu sou obrigado a manter a figura de Jesus Cristo de braços abertos. Por quê? O que eu tenho que colocar é acolher dentro dele. Eu não estou falando só da pessoa de Jesus, de Maria, de Santa Isabel, por isso a religião... Obrigado eu não digo, mas eu acho que seria inteligente manter o sincretismo em função daquilo que as pessoas têm como representatividade espiritual. Porque a minha necessidade é agregar, não dividir. Então eu prefiro manter aquilo que condiciona as pessoas sentirem bem com seu interior.

[00:05:16] **Pesquisador** Diferente das outras religiões que discriminam e não aceitam a união de pessoas do mesmo sexo, por que as religiões de matriz africana fazem as cerimônias de união de casais homoafetivos?

[00:05:27] *Entrevistado* Eu vou seguir a mesma linha de...

[00:05:31] **Pesquisador** Pela comunhão.

[00:05:32] *Entrevistado* Pela comunhão. E assim como eu tenho relacionamento homoafetivo, sou babalorixá, o meu companheiro não é, mas nós acabamos por agregar pessoas que não tinham orientação familiar. Hoje nós temos filhos, embora que não regulamentados, mas está em processo disso, netos, sendo o casal homoafetivo aonde acolhemos casais heteronormativos, que tem em nós a representatividade paternal. Então é o que eu vou dizer sempre, é o acolhimento sem preconceito.

[00:06:06] **Pesquisador** Sim. A relação de proximidade, tem alguma coisa a ver? De uma forma geral, como essa relação é vista pelo restante da sociedade, na sua opinião?

[00:00:09] *Entrevistado* Eu acho que o restante da sociedade vê isso como um atraso moral. Eu acho que seria um avanço na liberdade, por aquilo que eu tenho sempre falado de acolhimento. Mas o que a gente ouve tanto aí é que os bons costumes acabam sendo

corrompidos, embora não seja, que é sempre necessário salientar que a gente está falando de culturas divergentes. A afro-religiosidade traz a cultura do acolhimento e do não-preconceito, por isso abraço a todos, enquanto que as religiões europeizadas – não estou falando em cristãs, porque se fossem cristãs, adotariam o acolhimento ao próximo e não o preconceito – enquanto que as religiões europeizadas, elas adotam o padrão de normatividade, deixando que predomine o papel masculino e feminino.

[00:01:10] **Pesquisador** Mesmo nos dias atuais, o preconceito ainda existe. Qual a diferença de hoje para o passado?

[00:01:22] *Entrevistado* Quando eu falo que eu não sinto preconceito, que eu não sofro preconceito, aí já está a evidência da diferença. Porque tenho certeza que há 20 anos atrás, eu não tinha essa mesma segurança. Não digo tão há 20, mas se eu tivesse nascido há 50 anos atrás, eu não teria essa mesma liberdade. Pelo cuidado, pelas histórias que eu conheci dentro da religião, a própria alma de Angola quando ela se implantou aqui na região, na época endêmica de Florianópolis, como ela se desenvolveu, nas situações onde os terreiros eram invadidos por policiais. E foi, inclusive, uma estratégia, acredito que muitos sabem, onde vários membros da polícia se introduziram dentro da Umbanda e isso fez com que, inclusive, houvesse uma proteção maior. Mas isso se deu a partir da década de 50. Então, antes era realmente muito sofrido. Eu sei de pessoas que foram violentadas, foram subjugadas, arrastadas. Eu só tenho privilégios de ter nascido.

[00:02:49] **Pesquisador** E, para finalizar, qual a mensagem para o restante da sociedade que não conhece a história e nem os princípios da religião?

[00:02:59] *Entrevistado* Estudem. Busquem conhecer. Evitem o deslumbramento. Porque a Umbanda, o ato de religiosidade, é muito mais do que a ritualística, visual, que é a roupa, as vias de contas. Ela tem uma história, saber por que chegou a tal ponto? Por que você está fazendo determinadas coisas? Por que o terreiro se cruza de uma maneira? Por que é feita a defumação? Por que nós temos exus e pombas giras? Qual a função deles na nossa vida? Que força, que vibração, de que aspecto será encruzilhado a cada calunga? Por que eles vêm com essa vibração? Então, estudar é necessário. Evitar o deslumbramento, inclusive, das mídias. Porque há muita especulação sem conhecimento. Isso, inclusive, afeta a natureza. Aproveitando a natureza da entrevista, afeta. E eu acredito que sensibiliza também a convivência com as pessoas LGBT, que aí há mais, talvez. Porque a falta de conhecimento acaba fazendo com que as pessoas se tornem apenas papagaios de piratas. Repetem, querem aparecer. É uma briga hoje para poder estar aparecendo na mídia sem saber por que estão propagando algo que ignoram a natureza. Então, o estudo é necessário. A leitura é necessária. A pesquisa e o censor crítico é muito mais.

[00:04:41] **Pesquisador** Por exemplo, eu comecei a me interessar sobre a história das religiões de matriz africana quando comecei a frequentar terreiros. Até então, eu não conhecia nada. Tinha aquele conhecimento de senso comum que vinha dos meus pais, principalmente dos meus pais, porque eram católicos. Então, tinha toda aquela coisa de que as religiões de matriz africana, que eles tinham pejorativamente como uma macumba, era algo do diabo, era algo para fazer o mal das pessoas. Até eu começar a frequentar, começar a ler e pesquisar, quando eu entrei na faculdade, foi mudando o meu pensamento. Mudando tudo que eu conhecia

e sabia sobre religião. Foi começando a me ter interesse em trabalhar nessa área, principalmente escrever nessa área no meu TCC.

[00:05:39] *Entrevistado* É o que eu comento. Na verdade, a gente tem que saber diferenciar, lidando com a cultura europeia, que tem uma base cristã. Estamos lidando com a cultura afro, que já vem com a orientação dos orixás. E dentro da própria umbanda, hoje nós temos, a gente trabalha com marinheiros, inclusive com vários povos que normalmente não são comuns de se trabalhar, como os ciganos, os baianos, e o povo do Oriente. Então, eu acho, eu sempre chamo a atenção, para a gente evitar, e para evitar fugir do ridículo, tem que ter conhecimento, tem que ter estudo, tem que saber por que que está assimilando aquela vibração espiritual. Por quê? Da onde? Se não, deveria ser só um ridículo, representando algo que eu estou assistindo um bocadinho. Então, quando a gente fala de cultura, a própria Alma e Angola, como ela se formou aqui dentro, eu digo que ela é endêmica, ela se formou aqui na região de Florianópolis. Assim como nós temos né.

[00:06:50] **Pesquisador** Até antes da gente começar a entrevista, eu estava ali sentado e estava lendo um texto de um livro que uma professora me indicou, que é o dicionário sobre a escravidão, e em um dos capítulos é sobre religiosidade, e aí fala dessa questão dos surgimentos de diferentes linhas das religiões de matriz africana, dependendo da região do Brasil, e aí fala da Umbanda específica, que é do Sul.

[00:07:17] *Entrevistado* Fizemos uma entrevista assim, no final de segunda passada, eu ainda estava conversando aqui, o meu irmão é evangélico, mas a gente troca muita informação, a gente tem muito respeito, e eu estava falando sobre eu tenho muita vontade de resgatar a cultura da nossa região aqui no Sul do Brasil, porque a gente tem introduzido tanta coisa que vem lá, do Norte, do Nordeste, como eu digo, as linhas de marinheiros, apesar que nós vivemos no litoral, aqui não tem uma cultura de marinheiros muito forte, a gente trabalha com baianos, e boiadeiros, coisa que não entra na nossa região.

[00:07:48] **Pesquisador** Boiadeiros, acho que eu fui uma vez só, numa gira de boiadeiros, porque era um irmão de santo meu, que era do Pará, e aí ele estava naquela transição, que começava a participar da Umbanda, mas ainda trabalhava um pouco com os boiadeiros, e aí ele fez uma gira no próprio terreiro que a gente frequentava, pediu licença para a Mãe dos Santos, foi aqui, e aí ele pediu licença para a Mãe dos Santos do nosso terreiro, e fez uma gira de boiadeiros. Mas, por exemplo, de marinheiro eu nunca vi. Sim, sim, sim, tem. Mas, por exemplo, os dois terreiros que eu frequentei, os pais de santo quase não falavam de marinheiros, falavam que tinha linha de marinheiros, mas não explicaram como funcionava, o que era, e tal. A gente sempre trabalhou muito com a questão dos orixás, da esquerda, caboclos, pretos velhos e erês, só. O que quase todo mundo já conhece é o mais comum nos terreiros. Mas marinheiros, baianos...

[00:09:01] *Entrevistado* Ciganos.

[00:09:02] **Pesquisador** Ciganos, ele era incorporado junto com os exús e pombagiras. Então, tipo, algumas pessoas trabalhavam com ciganos em algumas giras, mas era também muito raro.

[00:09:13] *Entrevistado* Mas, inclusive, a questão da infância dos ciganos, que é o mais corriqueiro dentro da... que foge da orientação, as pessoas faltam um pouco de esclarecimento quando falam que a minha pombagira é uma cigana. Ou é uma pombagira ou é uma cigana. Ela pode ser cigana, sim, mas ela se veste como cigana, trabalha como cigana. É uma cigana ou é uma pombagira? Tá entendendo? Isso precisava ser mais elucidado, é uma coisa que eu observo muito evidente com a precedência do meu terreiro.

[00:09:45] **Pesquisador** Sim. Por exemplo, no seu terreiro, por exemplo, tem giras só de ciganos? E aí, de exu e pombagira separadas?

[00:09:55] *Entrevistado* Mas na gira de pombagira, de exu e pombagira, podem vir os ciganos. Então, como a gente faz uma ou duas vezes só por ano, não é homenagem aos ciganos e deixam eles trabalharem. Então, eu... é tranquilo, porque tá muito similar à vibração de um e do outro, entende? O povo da rua, a prosperidade, a sensualidade, tudo isso é muito similar com o exu e pombagira, mas embora eu sempre tento deixar esclarecido que uma coisa é uma coisa, uma coisa é outra coisa. Porque se tiver que ser uma pombagira, se tiver, não tem problema nenhum. Mas fica esclarecido, por meio, a diferença entre uma coisa e outra.

4.2.2 Entrevista 2

[00:00:00] **Pesquisador** Então, pai, começando. As primeiras perguntas são básicas, o nome completo.

[00:00:07] *Entrevistado* Bruno Antônio Costa.

[00:00:09] **Pesquisador** O cargo dentro da religião.

[00:00:11] *Entrevistado* Pai de santo. Babalorixá. Força de sete anos.

[00:00:16] **Pesquisador** Desde quando faz parte da religião?

[00:00:18] *Entrevistado* Desde os 12 anos de idade.

[00:00:20] **Pesquisador** Sempre na Almas e Angola?

[00:00:22] *Entrevistado* Sempre na Almas e Angola. Mesmo segmento, desde os 12 anos de idade até hoje.

[00:00:27] **Pesquisador** E agora, já entrando mais nas perguntas diretas, como eu disse, eu fiz uma entrevista muito direta. Como lidar com o preconceito que a religião sofre da sociedade?

[00:00:40] *Entrevistado* O preconceito é um tema que a gente vem enfrentando desde

muitos anos atrás. Hoje ele vem diminuindo. Já foi muito mais intenso, sobretudo. A gente já passou por muitos obstáculos com o avanço de todas as informações que a gente vem recebendo hoje. Isso hoje facilitou o nosso campo para a gente poder ter mais aceitação sobre a nossa religião no cotidiano.

[00:01:09] **Pesquisador** Certo. E por que essa relação de proximidade com a comunidade LGBT?

[00:01:16] *Entrevistado* A proximidade com a comunidade LGBT vem da aceitação de todas as pessoas, independente de gênero, dentro da nossa religião. Porque a gente aceita a condição sexual de cada um, a gente não julga. Então, facilita também as pessoas a terem mais a procura da nossa religião devido a isso. Diferente de outras religiões que discriminam e não aceitam a união de pessoas do mesmo sexo... Faz dias que estou com a língua presa por causa dessa palavra. [que palavra?]

[00:01:58] **Pesquisador** Por que as religiões de matriz africana fazem cerimônias de união de casais homoafetivos?

[00:02:03] *Entrevistado* A gente faz essa cerimônia de união porque a gente não julga a condição sexual. A gente não vê a condição sexual do indivíduo. A gente vê pessoas. A gente olha ser humano. Então, a gente não tem nenhum tipo de preconceito em relação a isso. Deus criou o homem e a mulher. Dentro da Igreja Católica, o casamento é feito entre homem e mulher. Só que nós, umbandistas, como não temos o preconceito, aceitamos e acreditamos na união de um casal do mesmo sexo. Então, não tem por que discriminar.

[00:02:46] **Pesquisador** Até só fazendo um parêntese. Antes de vir para cá, eu estava mexendo no meu Instagram e apareceu uma notícia que o Papa recomendou que os padres realizem casamentos homoafetivos.

[00:03:06] *Entrevistado* Claro que, se pensando isso é um progresso gigante... Um progresso enorme. Mas eu acho que ainda há muita coisa a se discutir para que isso seja efetivado de fato. Não adianta só o Papa dizer que isso vai ser do dia para a noite. Que aí vai a aceitação dos fiéis, dos próprios seguidores da Igreja Católica. Então, isso vai ser com o tempo.

[00:03:33] **Pesquisador** Acredito que o fato de se acostumar com a ideia, entre aspas, auxilia muito nessa aceitação.

[00:03:46] *Entrevistado* Então, quem vai lidar com isso, os padres, os líderes espirituais, os líderes católicos, é que vão determinar o modo de aceitar, de levar essa informação até os fiéis.

[00:04:01] **Pesquisador** Sim. Outra pergunta. A relação de proximidade tem alguma coisa a ver com a questão de que tanto as religiões de matriz africana quanto a comunidade LGBT sofrem preconceito desde sempre?

[00:04:13] *Entrevistado* Tem. Existe uma ligação diante de um povo sofrido. Então, a gente, como não discrimina nada e nem ninguém, a gente acredita que essa junção e aceitação

faz as pessoas terem um olhar muito melhor para o mundo. Facilita todos, em conjunto, ter uma nova visão sobre o futuro, sobre o mundo.

[00:04:43] **Pesquisador** Sim. Nas minhas leituras para a construção do TCC, fui procurar a história da Umbanda específica de Almas e Angola, aqui em Santa Catarina. E, quando a Umbanda chegou, em 1953, com a Mãe Malvina, o preconceito que a religião sofria era gigantesco. Porque Santa Catarina já tem todo esse histórico de conservadorismo que tem até hoje.

[00:05:09] *Entrevistado* E aí, quando começou a tentar-se inserir a religião Umbanda de Almas e Angola, e daí não só a Umbanda, mas Candomblé e todas as outras religiões de matriz africana que a gente tem no Brasil, a força policial que era implementada para que acabassem os terreiros era gigantesca. Nós éramos apedrejados, de fato.

[00:05:33] **Pesquisador** E aí só foi mudar, eu não me lembro a data que foi mudar, mas, se não me engano, foi em 1957, 1958, que foi votado na Câmara de Vereadores uma lei para se liberar até às duas horas da manhã. Isso, mas essa lei foi liberada muito próxima agora, não foi dessa de 1950 e pouco?

[00:05:54] *Entrevistado* Não, mas teve uma no começo, logo depois do surgimento. Eu não lembro falar para ti qual é a lei exata, posso até depois pesquisar e te passar. Só que essa lei de que somos livres de culto até duas horas da manhã, essa data também não sei exata, mas ali é para o ano de 2000 já.

[00:06:17] **Pesquisador** Eu lembro que os dois terreiros que eu frequentava, dois anos atrás, seguidamente batia a polícia, pedindo para diminuir o barulho, dizia que já tinha passado da hora.

[00:06:35] *Entrevistado* Então, a gente sabe que até hoje é muito complicado manter uma gira nos terreiros, até porque os terreiros quase sempre estão literalmente próximos de igrejas evangélicas. Aí vai do bom senso e do entendimento do líder espiritual, do dono da casa, de fazer as festas no sábado, por exemplo, porque domingo é o dia de descanso de todo mundo. Então, no sábado, como tocamos dentro de uma comunidade, geralmente é sempre assim, então a gente tem essa opção de fazer nossas sessões em festas que são mais duradouras, até fazer no sábado para poder elevar um pouquinho o horário.

[00:07:20] **Pesquisador** De uma forma geral, como essa relação é vista pelo restante da sociedade, na sua opinião?

[00:07:33] *Entrevistado* Tem um ponto positivo e um ponto negativo. O ponto negativo é que ainda há pessoas que julgam e falam que é uma religião que mistura-se tudo, que aceita-se tudo, que daí tem todo tipo de pessoas e que vira uma certa bagunça, entre aspas, e tem aquele que apoia, que tem o entendimento, que sabe que é para acolher. Porque a gente não está aqui para julgar e não está aqui para apontar a condição sexual de ninguém. A gente está aqui para acolher o filho ou a filha, independente da condição sexual de cada um. Independente de gênero.

[00:08:13] **Pesquisador** Até porque a religião já trabalha isso também com as entidades, com os orixás.

[00:08:17] *Entrevistado* O filho de santo trabalha tanto com o orixá feminino, com o orixá masculino, quanto entidades também. Então, acho que isso está meio mesclado, tanto já dentro do terreiro, literalmente na gira, quanto para quem frequenta. Aí abre o campo de visão de cada médium. Te dá mais liberdade para expor e se expressar da forma que você é realmente, da forma que você quer ser, da forma que a vida te condicionou a ser.

[00:08:49] **Pesquisador** E você é a segunda pessoa que eu entrevisto que fala na questão do acolhimento.

[00:08:55] *Entrevistado* Eu acho que a Umbanda e as LGBTs de matriz africana têm muito isso, a questão do acolhimento com as pessoas, principalmente das minorias. E das minorias que eu falo, não só da comunidade LGBT, mas de negros, do pessoal da periferia. O que a gente percebe muito, e eu digo da minha experiência pessoal de ter visitado vários terreiros na época em que eu frequentava terreiro e até hoje em dia, é que a maioria das pessoas que frequentam os terreiros são pessoas da periferia, negros. É porque os terreiros de Umbanda nascem dentro de uma comunidade, não dentro de uma elite. Então, é diferente. Então, como o terreiro nasce dentro de uma comunidade, ele já sabe das feridas, das histórias, do que machuca, o que não machuca. Então, o terreiro, ele acolhe todas essas pessoas que vêm já com esse sofrimento, entendeu? Um sofrimento que não deveria existir, mas, enfim, acaba existindo. E cabe a nós, como pais de santo e mães de santo, de acolher essas pessoas e tratar bem, independente de qualquer coisa, entendeu? Mesmo ainda nos dias atuais, o preconceito ainda existe.

[00:10:10] **Pesquisador** Isso é inegável, não é? Existe. Qual a diferença de hoje para o passado?

[00:10:15] *Entrevistado* A diferença hoje é a evolução. Do meu ponto de vista, evoluiu muito. Não somos mais tão sofridos com preconceito como antes. Mudou muito. Aqui, pelo menos em Florianópolis, é o que eu sinto. Quando a gente entra em preceito, que andamos pelo centro da cidade vestido de branco e cabeça coberta e guia no pescoço, a gente não é mais olhado com tanto julgamento.

[00:10:39] **Pesquisador** A gente já é olhado com um olhar mais de aceitação, no meu ponto de vista. Porque também tem aquele que ainda sente o preconceito.

[00:10:48] *Entrevistado* Eu acho que a questão desse preconceito hoje varia muito de pessoa para pessoa.

[00:10:55] **Pesquisador** Porque, por exemplo, tem gente que super de boas anda tranquilamente quando está de preceito, de branco, cabeça coberta e tal. E tem gente que não, que não consegue ter essa facilidade de ficar de preceito, vestido de branco, cabeça coberta.

[00:11:12] *Entrevistado* Porque sabe que a gente vive numa sociedade onde existe essa

pluralidade religiosa e que acaba, em algum momento, alguém soltando alguma frasezinha, um olhar diferente e aquilo inibe muita gente. Fica. Fica mais tímido isso.

[00:11:25] **Pesquisador** Exatamente. Já cansei de quando eu saía de casa para ir para o terreiro já pronto. Principalmente lá onde eu morava antigamente, que era na Tapera, que até eu acho estranho, porque lá é onde tem mais terreiro de Florianópolis. Uma coisa que eu pesquisei, no mapa da prefeitura, a Tapera é o bairro de Florianópolis que mais tem terreiro. Tem 32, se não me engano. É um perto do outro. Às vezes tem, literalmente, um do lado do outro. E, para finalizar, qual a mensagem para o restante da sociedade que não conhece a história e nem os princípios da religião?

[00:12:07] *Entrevistado* Aceitar sem julgamento, respeitar o próximo, respeitar o indivíduo que escolhe por amor ou quando não tem opção para entrar na Umbanda, nas nossas religiões de matriz africana, pelo fato de ter o dom para exercer diante ao espiritual, diante aos orixás, e ter essa... A mensagem é aceitação e evolução. E também conhecimento.

[00:12:45] **Pesquisador** Conhecimento também.

[00:12:48] *Entrevistado* Pelo que todo mundo sabe, a questão da história das religiões de matriz africana está, literalmente, ligada à história do Brasil. Aceitação, evolução, conhecimento e respeito.

[00:13:01] **Pesquisador** Está, literalmente, ligada à história do Brasil. Muito. Demais. E eu comecei a perceber muito isso nas minhas leituras sobre religião. O meu primeiro capítulo é, literalmente, contando o processo histórico das religiões de matriz africana até chegar à Umbanda, em Santa Catarina. E ela faz, literalmente, parte da história do Brasil como um todo. Não tem como não falar sobre história negra no Brasil sem falar de história de matriz africana. Religiões de matriz africana, aliás.

[00:13:39] *Entrevistado* Então, eu acho que aceitação é o primordial, mas o conhecimento também. Porque tem muita gente que ainda tem aquela visão de que religiões de matriz africana têm alguma coisa a ver com o diabo, mas fala isso sem conhecimento nenhum.

[00:13:56] **Pesquisador** Nunca parou para ler alguma coisa sobre religiões de matriz africana.

[00:13:59] *Entrevistado* Não, porque daí não se permite conhecer, não se permite se envolver justamente pelo medo, pelo preconceito. Eu queria só te fazer uma ressalva ali no começo, quando tu falou da Mãe Malvina. A Mãe Malvina foi a primeira, ou uma das primeiras, ou a primeira, não estou bem certa da memória de falar isso, mas acredito que seja a primeira a trazer a Umbanda para Florianópolis. A Mãe Malvina, a Umbanda. Mas o ritual de Almas e Angola veio da Mãe Ida, falecida Mãe Ida.

[00:14:35] **Pesquisador** Isso, na minha pesquisa, eu lembro que não é ela que faz o surgimento de Almas m Angola em Santa Catarina, mas eu lembro que foi ela que trouxe a Umbanda do Rio de Janeiro, que ela foi lá com o pai Luiz D 'Ângelo, no Rio de Janeiro, fazer tipo...

[00:14:54] *Entrevistado* Exatamente isso. Ela fez um ritual na Umbanda de Angola, trouxe o ritual de Angola para cá e fez a junção com Almas. Que daí, Almas e Angola, por isso. Almas são os nossos responsáveis, os pretos velhos, que trabalham no Cruzeiro das Almas, onde a gente tem a nossa Casa das Almas. Então, esse fundamento traz as almas. E Angola é a Umbanda de Angola, que ela trouxe do Rio.

[00:15:20] **Pesquisador** Sim. Também nas minhas leituras, literalmente a Umbanda Almas e Angola é uma junção de Angola, do kardecismo e da católica.

[00:15:33] *Entrevistado* O kardecismo hoje se fundiu um pouco, não é mais aquela Umbanda de mesa, como trouxeram a Umbanda lá no começo.

[00:15:41] **Pesquisador** Mas ainda tem, sabia?

[00:15:42] *Entrevistado* No Caboclo das Sete Cruzeiras.

[00:15:43] **Pesquisador** Na minha cidade onde eu nasci, onde meus pais moram...

[00:15:48] *Entrevistado* De onde você é, filho?

[00:15:49] **Pesquisador** Eu sou de Tupanciretã, em Rio Grande do Sul. E lá tem um terreiro que meus pais frequentam, e quando eu vou para lá, às vezes eu vou, é literalmente... É de mesa. É de mesa, é quase igual um centro espírita.

[00:16:01] *Entrevistado* Legal.

[00:16:01] **Pesquisador** Só que daí eles trabalham com as entidades, Caboclo, os Orixás, e aí é tudo misturado. Por exemplo, tem um médium que está trabalhando com Caboclo, outro está trabalhando com o Preto Velho, outro está trabalhando com alguma entidade de esquerda.

[00:16:15] *Entrevistado* Então é literalmente bem mais parecido com o kardecismo. Hoje o Almas e Angola já dividiu muito bem essas concentrações, essas incorporações, por partes. Então nenhuma seção a gente mistura mais. Antigamente a gente fazia uma gira de Abá, de Orixá Mulher, com todas girando no mesmo tempo. Hoje a gente divide as energias. A gente não coloca uma só, não coloca todas na mesma roda. Hoje a gente já se separa bem. E a Umbanda de Mesa, hoje em Florianópolis, ela afundou bastante.

[00:16:53] **Pesquisador** São raros os terreiros que fazem a Umbanda de Mesa.

[00:16:56] *Entrevistado* Bem raro. Sim.

[00:16:58] **Pesquisador** Acho que em Floripa o que mais predomina é a Almas e Angola, né?

[00:17:02] *Entrevistado* Isso. O que predomina é a Almas e Angola.

[00:17:05] **Pesquisador** Então, pai, era isso que eu tinha de perguntas. Como eu disse, era super direto.

[00:17:10] *Entrevistado* Maravilha.

[00:17:11] **Pesquisador** O senhor avançou, hein? Até porque eu não quero me estender muito na questão. Na verdade, eu nem ia colocar as entrevistas no trabalho. Elas iam servir de bases para escrever, né?

[00:17:22] *Entrevistado* Mas coloca porque...

[00:17:23] **Pesquisador** Daí eu tive uma conversa com a minha professora da matéria de TCC, com o orientador. E ela disse, “não, tu tem que usar”.

[00:17:31] *Entrevistado* Como é que tu não vai usar?

[00:17:32] **Pesquisador** Até porque ela disse, se tu vai fazer a transcrição de tal forma, tu tem que usar.

[00:17:35] *Entrevistado* Isso. Está certo.

[00:17:36] **Pesquisador** É que o transcrever é...

[00:17:38] *Entrevistado* Sim. Aí depois, se tu quiser, não sei se tu vai colocar o nome dos pais que tu está entrevistando, eu te mando ali pelo lado, sabe? Pai B. de Oxum.

[00:17:49] **Pesquisador** Ah, sim, sim. Sim. Sim, sim. Não, porque até eu não vou colocar... Provavelmente eu não vou colocar toda a entrevista num capítulo, mas eu vou usar trechos, né? Até para comparar, por exemplo, a entrevista que eu fiz lá com... O que eu entrevistei foi, não sei se o senhor conhece, é o pai L. D.

[00:18:09] *Entrevistado* Conheço.

[00:18:10] **Pesquisador** Ele foi um dos entrevistados.

[00:18:11] *Entrevistado* A L. Trindade?

[00:18:13] **Pesquisador** Eu não sei se... Eu não sei se é ele ali. Eu entrevistei ele no trabalho dele, que ele trabalha lá no cemitério, na administração do cemitério.

[00:18:23] *Entrevistado* Ah, tá.

[00:18:24] **Pesquisador** Então daí agora eu já não sei quem é. Ele me falou onde era o terreiro dele, mas agora eu não recordo. Até o terreiro dele, ele explicou para mim, é tipo... Bem parecido com o que era... Logo que surgiu a Almas e Angola em Floripa, ele meio que mantém

essa coisa, por exemplo, o chão é de barro, as paredes de barro. E aí havia, tipo, ele falou que é bem pequenininho.

[00:18:46] *Entrevistado* É, eu acho que não é, porque aquele ali da Trindade já é diferente.

[00:18:53] **Pesquisador** E aí... Eu vou usar trechos, porque eu quero comparar, por exemplo, a entrevista dele com a sua com a próxima pessoa, porque eu só vou entrevistar três pessoas. Isso, senão vai dar muita adversidade aí para tirar... Sim, só a transcrição dele já deu seis páginas. Então, por exemplo, agora vai dar mais ou menos a mesma coisa, porque já está em quase 20 minutos de entrevista. E aí... Eu não quero me alongar muito, não.

[00:19:19] *Entrevistado* Tá certo.

[00:19:20] **Pesquisador** Tá, pai.

4.2.3 Análise das entrevistas

Como acabamos fazendo apenas duas entrevistas, no lugar de três como havíamos planejado, preferimos apresentar na íntegra as transcrições, sem cortes, já que a metodologia da história oral busca preservar as experiências e narrativas das pessoas, especialmente daquelas que geralmente não têm suas histórias registradas em documentos “oficiais”. As transcrições cumprem esse papel de registrar as experiências e opiniões dos entrevistados. Mesmo sendo entrevistas curtas, podemos identificar muitas informações relevantes para nosso trabalho.

Vamos realizar uma análise conjunta das duas entrevistas com base na metodologia da história oral, levando em consideração o tema principal do trabalho, que é a relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+, bem como os elementos discutidos nos capítulos anteriores sobre a história das religiões de matriz africana e a Umbanda.

Ambos entrevistados destacam a existência de preconceito histórico enfrentado pelas religiões de matriz africana, que incluiu perseguições policiais, discriminação e incompreensão da sociedade em geral. No entanto, ambas também ressaltam uma evolução na aceitação ao longo do tempo, sugerindo que a sociedade está se tornando mais tolerante.

Eles contam que a proximidade da Umbanda, em particular da Umbanda de Almas e Angola, com as pessoas LGBTQ+ está relacionada à aceitação e à não discriminação de pessoas

com base em sua orientação sexual ou de gênero. Assim, a abertura da Umbanda para a diversidade é vista como uma atração para as pessoas LGBTQ+.

Os relatos realçam também o papel das religiões de matriz africana, como a Umbanda, no acolhimento de minorias em geral, incluindo as pessoas LGBTQ+. Como essas religiões nascem nas comunidades periféricas, elas compreendem as histórias de sofrimento de seus frequentadores, tornando-se locais de apoio e aceitação.

Essa menção ao acolhimento destaca a importância da Umbanda como um espaço aberto para pessoas de todas as orientações sexuais e de gênero.

A evolução da aceitação ao longo do tempo, como já comentamos, tanto da religião perante a sociedade quanto das pessoas LGBTQ+ na religião e na sociedade em geral, também é relevante para o tema, uma vez que mostra que as religiões de matriz africana têm enfrentado desafios históricos, mas o preconceito tem diminuído progressivamente.

Um dos entrevistados também faz referências históricas importantes, como Mãe Malvina e Mãe Ida, que contribuíram para a disseminação da Umbanda e da Umbanda Almas e Angola em Santa Catarina.

No geral, os narradores enriquecem o trabalho ao fornecer uma perspectiva prática e de testemunho da relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+, ao mesmo tempo em que destacam aspectos históricos e sociais relevantes para o tema. As entrevistas não revelam contradições substanciais entre os relatos. Em vez disso, elas apresentam uma visão semelhante sobre o tema.

Com base na metodologia da história oral, entendemos que as entrevistas são valiosas fontes de testemunhos orais, fornecendo narrativas em primeira pessoa. Isso é fundamental na metodologia escolhida, pois permite a coleta e preservação de experiências individuais e histórias de vida relacionadas ao nosso tema.

Ao compartilharem suas experiências individuais e conhecimentos sobre a Umbanda e sua relação com as pessoas LGBTQ+, os entrevistados desempenham o papel de narradores da sua própria história. Ao incorporarem elementos do seu contexto histórico e social, especialmente em relação ao preconceito enfrentado pelas religiões de matriz africana e à evolução na aceitação, eles tocam também na questão da memória coletiva. Fornecem, assim, uma perspectiva viva sobre o tema abordado.

A relação entre o pesquisador e os entrevistados, por sua vez, reflete vários princípios e dinâmicas da metodologia da história oral.

Os entrevistados se sentiram à vontade para compartilhar suas experiências e perspectivas, o que sugere que o pesquisador conseguiu estabelecer uma relação de confiança

com eles. Os entrevistados estavam dispostos a falar sobre tópicos sensíveis, como preconceito e discriminação. A confiança, nesse caso, é um elemento decisivo da história oral, pois incentiva os entrevistados a compartilharem histórias autênticas.

O pesquisador adotou, ainda, uma abordagem colaborativa e empática, na qual os entrevistados eram os principais narradores de suas próprias experiências. Ele atuou apenas como um facilitador, orientando a conversa. Assim respeitou-se a autonomia dos entrevistados e valorizou-se suas vozes.

Embora o pesquisador tivesse o controle da entrevista, a dinâmica foi mantida de maneira ética. Os entrevistados não foram pressionados ou influenciados a compartilhar informações que não desejavam. Sua voz e agência foram respeitadas.

Em resumo, a relação entre o pesquisador e os entrevistados nas entrevistas reflete os princípios fundamentais da história oral, criando um ambiente de confiança, abertura e colaboração. Essa relação permitiu a coleta de informações valiosas sobre a relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+, preservando a autenticidade das experiências dos entrevistados e contextualizando-as dentro do cenário mais amplo das religiões de matriz africana.

Relacionando, ainda, as entrevistas com as informações apresentadas nos capítulos anteriores do trabalho, podemos observar diversas conexões e aprofundar nossa compreensão.

Os relatos mencionam a época em que a Umbanda foi introduzida no Brasil e as dificuldades enfrentadas, como o preconceito e a perseguição. Isso corrobora com as informações trazidas sobre os desafios históricos enfrentados pelas religiões de matriz africana no país.

As narrativas enfatizam também a natureza inclusiva da Umbanda, que acolhe indivíduos independentemente de sua orientação sexual. Explica-se, inclusive, por que a Umbanda realiza cerimônias de união de casais homoafetivos, o que confirma a inclusão das pessoas LGBTQ+ nas práticas dessa religião.

Isso está alinhado com a discussão do capítulo anterior sobre como a Umbanda se tornou um refúgio para muitas pessoas LGBTQ+ devido à sua aceitação.

As entrevistas destacam, assim, a proximidade entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+, relacionando-a com a história de ambas as minorias que enfrentaram preconceito e discriminação. Isso ressoa com o que já comentamos sobre como a história de luta da Umbanda e das pessoas LGBTQ+ se aproxima.

A questão do acolhimento é um elemento central nas entrevistas, mencionado por ambos os narradores. Eles enfatizam a importância desse aspecto na Umbanda, entendendo o acolhimento como um valor fundamental dentro da religião, cujo papel não seria o de julgar,

mas de acolher as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, gênero ou outras características.

Os entrevistados também mencionam que o acolhimento na Umbanda permite que as pessoas se expressem de maneira autêntica. A religião proporciona um ambiente onde os indivíduos podem ser eles mesmos e se conectarem com suas entidades espirituais sem medo de julgamento.

De todo modo, apesar dessa abertura para o acolhimento, ambos os entrevistados também reconhecem que ainda existem desafios. O preconceito persiste na sociedade, e o ambiente em que os terreiros estão localizados pode afetar a maneira como as sessões são realizadas ou como seus frequentadores são percebidos, ou mesmo como eles se sentem nesses locais.

No contexto do nosso trabalho, essa ênfase no acolhimento dentro da Umbanda pode ser vista como um dos pontos mais fortes e distintivos da religião. Ele reflete não apenas uma atitude de aceitação, mas também de apoio e encorajamento para que as pessoas se sintam à vontade para explorar e viver de acordo com sua espiritualidade, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Essa compreensão do acolhimento também pode ser relacionada à história das religiões de matriz africana e da Umbanda, nas quais as lutas contra o preconceito e a exclusão desempenharam historicamente um papel bastante significativo.

5. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, exploramos a relação entre as religiões de matriz africana, com destaque para a Umbanda, e a diversidade de corpos e gêneros – dissidentes do sistema hétero, racista, patriarcal e colonial – representada pela sigla LGBTQ+. Nosso estudo investigou como essas religiões promovem a inclusão, a aceitação e a agência de indivíduos que não se encaixam nos padrões tradicionais de gênero e sexualidade. Além disso, entendemos como a Umbanda desempenha um papel crucial na vida de pessoas LGBTQ+ e como essa relação influencia e é influenciada pelas construções de gênero na sociedade.

No capítulo *Origem e desenvolvimento da Umbanda no Brasil e em Santa Catarina*, mergulhamos nas origens das religiões de matriz africana no Brasil, destacando sua evolução ao longo do tempo. A emergência da Umbanda e suas ramificações foram examinadas, com especial atenção para a codificação da Umbanda de Almas e Angola por Pai Luiz D'Angelo. Exploramos as controvérsias em torno da origem dos ritos africanistas na Umbanda de Almas e Angola, e analisamos a expansão dessa vertente em Santa Catarina. Este capítulo forneceu a base histórica para compreendermos o papel da Umbanda na formação da identidade cultural e religiosa da região.

No capítulo seguinte, *A relação entre as religiões de matriz africana e os corpos e gêneros dissidentes*, fizemos uma revisão da literatura sobre as religiões afro-brasileiras, destacando a diversidade de gênero e sexualidade presente nas suas práticas. Identificamos conceitos-chave como inclusão, flexibilidade, agência, resistência, sensibilidade, diversidade, igualdade e liberdade. Esses elementos serviram como lentes analíticas para compreendermos como as religiões de matriz africana, em especial a Umbanda, interagem com as pessoas LGBTQ+, proporcionando um panorama teórico abrangente.

Por último, no capítulo *A Umbanda e o acolhimento das pessoas LGBTQ+: o relato de dois pais de santo em Florianópolis*, adotamos uma abordagem qualitativa, utilizando a História Oral para capturar as narrativas e perspectivas de dois pais de santo do município. Introduzimos a metodologia da História Oral e, em seguida, apresentamos as entrevistas realizadas, analisando-as conjuntamente. Identificamos temas recorrentes e nuances nas experiências compartilhadas. Assim, esse capítulo forneceu uma visão mais profunda da relação entre a Umbanda e as pessoas LGBTQ+, destacando o papel fundamental dessa religião como um espaço de acolhimento e aceitação.

Nas entrevistas, percebemos que os dois pais de santo pensam essa relação por meio da palavra “acolhimento”, entendendo que ambos (grupo racial/religioso e pessoas LGBTQ+) sempre foram vítimas de preconceito pelo restante da sociedade, especialmente no sul do Brasil, de forma que essa boa relação se dá em prol de uma união de forças, uma prática de resistência coletiva.

Assim, destacamos a resistência ativa da Umbanda às normas tradicionais de gênero e de opressão social. A religião não apenas proporciona um ambiente de inclusão, mas também se constitui historicamente como um espaço de resistência contra o racismo, o sexismo e o colonialismo cristão. A flexibilidade nas normas de gênero e sexualidade e a valorização da diversidade de expressões nas religiões de matriz africana são fundamentais para a promoção da igualdade. Essa dualidade, de ser um espaço acolhedor e de resistência, a torna uma aliada importante na luta contra a opressão. Ou seja, o estigma e a discriminação enfrentados por essas religiões fortalecem ainda mais sua sensibilidade às lutas por igualdade e liberdade.

As histórias compartilhadas pelos entrevistados demonstram claramente como essas religiões são importantes na vida das pessoas LGBTQ+, proporcionando um sentido de pertencimento e uma comunidade de apoio. A prática religiosa constitui-se como uma fonte de agência para eles, permitindo que assumam papéis de liderança e ganhem reconhecimento em suas casas de culto.

Contudo, é crucial reconhecer que a relação entre as religiões de matriz africana e a população LGBTQ+ não é uniforme em todos os contextos. Nossos estudos apontam para variações nas práticas e crenças, sendo a aceitação e a inclusão de pessoas LGBTQ+, como vimos no capítulo anterior, influenciadas pelas lideranças religiosas, pelas tradições de cada casa, pelas interpretações individuais e pelos territórios onde as casas de culto se localizam.

Ao analisar as entrevistas, observamos que, apesar das semelhanças e consistências nos relatos dos dois pais de santo, também podemos identificar algumas lacunas ou aspectos que não foram explicitamente abordados. Vale ressaltar que a natureza da história oral pode envolver omissões involuntárias, esquecimentos ou escolhas conscientes de não compartilhar determinadas informações. Considerando a brevidade das entrevistas, isso pode ter sido acentuado em alguns aspectos.

Por exemplo, ambos os pais de santo compartilharam informações valiosas sobre a relação entre a Umbanda e a população LGBTQ+, mas pode haver uma lacuna no que diz respeito a detalhes históricos específicos sobre eventos, figuras ou momentos que marcaram a integração desses dois aspectos. Uma análise mais aprofundada do contexto histórico poderia proporcionar uma compreensão mais rica dessa interseção ao longo do tempo.

Da mesma forma, ambos entrevistados enfatizaram o princípio de acolhimento da Umbanda como fundamental para a boa relação com a população LGBT+, mas pode haver nuances ou desafios internos não mencionados, como resistências de outros membros da comunidade religiosa, questões de dogma ou tradição que criam tensões na aceitação plena etc.

Quanto a diferenças regionais e individuais, embora tenhamos uma compreensão sobre o tema em Florianópolis, as entrevistas certamente não expressam as nuances de outras regiões ou casas de culto da Umbanda de Almas e Angola. Assim, as variações na aceitação da população LGBT+ não foram totalmente exploradas.

A identificação dessas lacunas é útil para direcionar pesquisas futuras, expandindo ainda mais a compreensão dessa relação complexa entre a Umbanda e a população LGBT+.

De todo modo, este trabalho contribui para uma compreensão mais profunda das interações entre religião, identidade de gênero e sexualidade na realidade brasileira. A pouca bibliografia sobre a interseção entre religiões de matriz africana e pessoas LGBT+ destaca a relevância deste estudo. Este fator, associado à curiosidade do pesquisador por ser participante da religião, foi o ponto de partida para a construção do trabalho, tanto para responder questões pessoais quanto para trazer conhecimento qualificado sobre o tema ao um público maior, o que pode fortalecer a união dos grupos.

Percebendo como o diálogo entre religião e diversidade de gênero é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, esperamos que nossa pesquisa sirva como pontapé inicial para futuras investigações, incentivando um diálogo mais amplo sobre como promover sociedades nas quais a diversidade de corpos e identidades de gênero seja reconhecida e respeitada da forma mais plena possível.

REFERÊNCIAS

- BOM MEIHY, José Carlos Sabe. **Manual de História Oral**. 5a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da História Oral. **Biblos**, Rio Grande, 16: 7-24, 2004.
- GONÇALVES DA SILVA, Cristiane. Homossexualidade e direitos sexuais entre jovens de diferentes religiões da Região Metropolitana de São Paulo. **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.
- HOLANDA, V.M.S. **Obaluaiê**: um estudo sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza-Ceará. 2013, 174. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- PARÉS, Luis Nicolau. “Religiosidades”. In: Schwarz. **O Dicionário da Escravidão e Liberdade**, 2018.
- PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo; CAVALCANTE, José Henrique de Almeida. Reflexões interdisciplinares acerca da homossexualidade em um terreiro de Umbanda, na cidade de Baturité-CE. **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras**, vol.3, n.2, 2017.
- PEREIRA, Rodrigo. Gênero e Cultos afro-brasileiros: uma revisão teórica sobre a homossexualidade. **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**. São Paulo: Associação Brasileira de Antropologia, 2012, p. 120.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Proj. História**, São Paulo, n. 14, 1997.
- MARTINS, Giovani. **Umbanda de Almas e Angola**. Aspectos Históricos e Ritualísticos, 2015.
- SILVA DOS SANTOS, Milton. Retrospectiva antropológica sobre a homossexualidade nas religiões afrobrasileiras. **Interações: Cultura e Comunidade**, vol. 4, núm. 5, 2009, pp. 65-80 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Uberlândia Minas Gerais, Brasil
- TEIXEIRA, Thiago. Entre o racismo e a homofobia: a presença de homens negros gays nas Comunidades Tradicionais de Terreiro. In: REIS, Marcos Vinicius de Freitas; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (orgs). **Terreiros, barracões e afetos: leituras sobre a homoafetividade nas religiões afro-brasileira**, livro 5. Rio Branco: Nepan, 2021.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- WEBER, Tiago Linhares. Ritual de Almas e Angola: do início aos novos paradigmas. **Revista Santa Catarina em História**. Florianópolis, UFSC, Brasil, v.5, n.1, 2011.